



# Em defesa da Revolução e Ditadura Proletárias

*Resposta aos ataques da imprensa  
burguesa e do bolsonarismo*

*Construir o Partido Operário  
Revolucionário, sob o programa  
e estratégia da revolução proletária*



**POR** | Partido  
Operário  
Revolucionário

**4** MASSAS

# Índice

<b>Apresentação</b> .....	3
<b>Notas, Manifestos e Artigos</b> .....	9
Breve nota sobre a bandeira do Partido Operário Revolucionário “ <i>Em Defesa da Revolução e Ditadura     Proletárias</i> ” .....	9
Ataque dos bolsonaristas à bandeira da revolução e ditadura proletárias .....	10
Nota de PCO sobre a bandeira do POR .....	18
A importância da bandeira de defesa da Revolução e Ditadura Proletárias .....	21
O que é a ditadura do proletariado? .....	23
Somente com a organização independente e mobilização massiva, os trabalhadores podem se defender .....	23
Atos pró-democracia .....	28
Bandeira da “Revolução e Ditadura Proletárias” do POR se projeta nacionalmente .....	31
Em defesa dos empregos, salários, direitos trabalhistas e saúde. Abaixo o governo de Bolsonaro! Por um governo operário e camponês! .....	34

Por que o quarto ato pró-democracia foi mais fraco que o anterior? .....	40
Debate sobre a democracia e ditadura proletária: política reformista e política proletária revolucionária...	42
Transcrição do debate sobre a bandeira " <i>Em defesa da revolução e ditadura proletárias</i> " .....	48
Sobre a crítica de ultraesquerdismo. Resposta a Valério Arcary .....	59
Algumas considerações de Lênin sobre a ditadura do proletariado .....	67

# Apresentação

Publicamos este folheto pelo fato de a bandeira do Partido Operário Revolucionário (POR) “Em defesa da Revolução e Ditadura Proletárias”, levantada no ato do dia 14 de junho, na Av. Paulista, ter sido atacada pela reportagem da rede Globo e, em seguida, pelos bolsonaristas. O que mais nos chamou a atenção foi que as correntes de esquerda, que se reivindicam do marxismo, não saírem em sua defesa. À exceção de PCO, que emitiu uma nota em apoio ao direito do POR de propagandar sua bandeira. No jornal Massas, fizemos um comentário, mostrando também a tentativa de PCO de diminuir a importância do acontecimento.

Surpreendentemente, o ataque da rede Globo, que denunciou a bandeira do POR como incompatível com a manifestação pela democracia, e inconstitucional, provocou discussões nas redes sociais, ao ponto de ultrapassar as fronteiras do Brasil. Recebemos comentários de organizações de outros países.

À primeira vista, a repercussão se deveu ao noticiário da maior rede de televisão do país, principalmente pela reportagem ter sido reproduzida no programa de maior audiência – O Fantástico. Posteriormente, ficamos sabendo que o ex-militante histórico do PSTU, hoje no PSOL, Valério Arcary, escreveu uma “Nota sobre o ultraesquerdismo”, publicada na Esquerda on-line, 20 de junho.

O Sindicato dos Servidores Federais (Sinasefe-SP) decidiu realizar um debate on-line, com a presença do militante porista, Osvaldo, com o psolista Valério, e a diretora do sindicato, Patricia, sobre a bandeira da revolução e ditadura do proletariado. Essa iniciativa tem particular importância, diante dos sindicatos burocratizados e do silêncio das esquerdas. Essa atitude democrática do Sinasefe ficará marcada como uma contribuição à transcendental discussão sobre o significado da bandeira da revolução e ditadura proletárias, não só na história do marxismo, como nas condições concretas da atualidade, marcadas pelo domínio do revisionismo e da profunda crise de direção revolucionária.

De nossa parte, nos empenhamos em construir o POR como encarnação do programa da revolução proletária. Como explicou Osvaldo, no debate, a bandeira da revolução e ditadura proletárias não é para ser guardada na gaveta, mas sim para servir de guia à ação do partido, e de educação permanente dos explorados, no sentido de compreender que nenhuma reforma virá do capitalismo a seu favor, e que as conquistas mais elementares serão arrancadas por potentes movimentos da luta de classes, e que esses movimentos, para avançar, dependem de uma direção que materialize o programa e a estratégia do proletariado.

Notamos que o revisionismo e o reformismo, que procuraram e procuram se adaptar à crise mundial de direção, refletida pelo processo de restauração capitalista e destruição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, bem como na liquidação das conquistas das revoluções na China e Cuba, principalmente, se afastam, renunciam ou combatem abertamente o fundamento marxista de que a classe operária é a única classe revolucionária por excelência. O POR, não só preserva, como se apoia inteiramente na tarefa de organizar o proletariado como dirigente da maioria oprimida, voltada a derrubar o poder da burguesia pela via revolucionária, e constituir o governo operário e camponês, que se encarregue de aplicar o princípio histórico da ditadura do proletariado.

Dissemos que a projeção da bandeira do POR se deveu à promoção pela rede Globo. No entanto, ficaríamos no meio do caminho se nos limitássemos a explicar o fato somente do

ponto de vista do noticiário de um órgão da burguesia. A justificativa mais acabada se encontra na profunda crise política por que passa o País, impulsionada pela combinação da crise sanitária com a crise econômica. Foram as condições objetivas da crise que obrigaram o repórter a identificar a bandeira da revolução e ditadura do proletariado como estranha a um ato pequeno-burguês, cuja bandeira principal era a da defesa da democracia, contra os bandos fascizantes e golpistas do bolsonarismo.

A tentativa de Valério Arcary, e do próprio PCO, de minimizar a importância do ataque da imprensa burguesa e dos bolsonaristas, indica dupla incompreensão. Primeiro, desconhecaram o fenômeno da crise como propulsor de uma notícia, que, em outra circunstância, a Globo simplesmente ignoraria. Segundo, a bandeira da revolução e ditadura do proletariado, ao ser atacada por qualquer representante da burguesia, tem de ser defendida incondicionalmente. Não se trata de fazer a defesa hipócrita do direito do POR levantar suas bandeiras. Somente se faz a defesa sincera do direito de uma organização revolucionária de defender a estratégia de poder do proletariado, colocando-se contra qualquer ataque da burguesia, sem apresentar nenhum condicionante.

O conjunto desses fatos deu a oportunidade ao POR de expor, com maior amplitude, sua compreensão programática, e explicar que lugar ocupa a estratégia de poder do proletariado em suas atividades práticas. É um absurdo imensurável pretender atribuir ao POR a incompreensão de que o País não está à beira da revolução, e que está envolvido por um governo militarista e fascizante, que se debate para sobreviver à crise econômica, que se potenciou com a pandemia. Somente quem não leu as publicações do POR – via de regra porque são pedantes de esquerda – pode usar tal argumento histórico contra a decisão de levantar a bandeira da revolução e ditadura proletárias em um ato democratizante. A revolução proletária está muito distante, não porque as condições objetivas não estão maduras, mas sim devido à crise de direção. O POR se baseia nas condições objetivas para travar a luta pela superação das condições subjetivas, ou seja, da ausência da direção marxista-leninista-trotskista no seio do proletariado.

Entende que o distanciamento da vanguarda das experiências das revoluções proletárias passadas é uma das causas de sua incompreensão, de que a construção do partido é a sua constituição em programa.

A crise de direção se deve, em última instância, ao retrocesso sofrido pelo proletariado mundial, com as derrotas promovidas pelo estalinismo, pela destruição da III Internacional, pela restauração capitalista e pela desintegração da IV Internacional. Esse retrocesso abriu campo para a pequena burguesia urbana comparecer como a força social mais ativa. O que limitou a evolução da vanguarda, facilitou seu distanciamento do proletariado, e favoreceu as pseudo teorias, confundidas como marxistas. É nessas condições que verificamos o abandono, formal ou informal, do princípio programático da ditadura do proletariado. O que implica perder de vista a caracterização geral de nossa época, que é a da transição do capitalismo para o socialismo, portanto, das revoluções e contrarrevoluções.

Esse é o principal motivo por que as esquerdas, que se dizem trotskistas, se encontram estilhaçadas. E o estalinismo, também dividido em inúmeras frações, não consegue e não pode se reabilitar. Acabam, de uma maneira ou de outra, se sujeitando às pressões do reformismo, incapaz e impotente, por isso, contrarrevolucionário. É o que assistimos com a convergência do reformismo, estalinismo e revisionistas do trotskismo para uma frente pró-impeachment, à qual se condiciona a bandeira de “Fora Bolsonaro”.

O POR rejeita essa frente, uma vez que o impeachment é um instrumento antidemocrático, incrustrado na democracia oligárquica. De maneira alguma, a vanguarda pode confiar a derrubada do governo Bolsonaro ao Congresso Nacional e à anuência das Forças Armadas. O POR diz que o proletariado, à frente da maioria oprimida, ou se levanta com seu programa e métodos próprios contra o poder da burguesia, no momento, representado pela ultradireita, ou se manterão as tendências ditatoriais alimentadas pela desintegração do capitalismo. Não é possível derrotar e quebrar essas tendências com os métodos democráticos burgueses e pequeno-burgueses.

O reformismo e as esquerdas, ao recorrerem ao impeach-

ment, depois desse instrumento ter sido usado para o golpe de Estado em 2016, contra o governo de Dilma Rousseff (PT), põem às claras o impasse de suas políticas, diante da profunda crise e, assim, o seu desespero. As bandeiras da defesa da democracia, impeachment e Fora Bolsonaro, como um todo interligadas, servem ao PT, Solidariedade, PSB, PDT e burocratas sindicais para manter o proletariado submisso às pressões da pequena burguesia e burguesia. Isso explica por que o movimento pela democracia carece das reivindicações mais sentidas pelas massas, golpeadas pela crise pandêmica e econômica. É incompatível com esse tipo de movimento, voltado à política parlamentar, mobilizar os explorados em defesa de seus empregos, salários, direitos e saúde pública.

O POR afirma que o ponto de partida e a principal tarefa do momento é organizar o movimento com as reivindicações que opõem à maioria oprimida aos governos e à burguesia, como um todo. Essa posição do POR é rechaçada pelos reformistas e burocratas sindicais, seguidos pelas esquerdas, porque estão empenhados em resolver a crise política, mudando o governo burguês por um outro governo burguês, que acreditam poder ser mais democrático. Essa constatação explica o motivo por que não viram com bons olhos a Globo projetar a bandeira do POR, embora para qualificá-la como incompatível ao movimento pela democracia.

Afirmamos que as correntes que se dizem marxistas e que se colocaram por detrás da frente ampla pelo impeachment, assim o fizeram porque não encarnam o programa da revolução e ditadura proletárias, que, como tal, exige um posicionamento claro e inconfundível diante do movimento burguês de oposição a Bolsonaro. Valério Arcary expôs, sem nenhum anteparo, o real conteúdo político desse movimento, ao afirmar que o impeachment que entregasse o poder a Mourão seria progressivo, ainda que limitado. E que essa era a tarefa do movimento, portanto, levantar a bandeira da revolução e ditadura proletária seria esquerdismo.

Este folheto é fruto do embate do POR no interior desse processo. Não ficamos à margem de nenhum protesto democrático e anti-Bolsonaro. Mas, organizamos nossas fileiras e convocamos os explorados a participar, sob o programa de



reivindicações mais sentido pelas massas, e a estratégia de poder próprio do proletariado.

Esperamos que esse folheto contribua para elevar a compreensão da vanguarda quanto à necessidade de construir o verdadeiro partido marxista-leninista-trotskyista, como parte da superação da crise de direção e reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

***Viva a Revolução e Ditadura Proletárias!***

*7 de julho de 2020*

# Notas, Manifestos e Artigos

*Nota do Partido Operário Revolucionário*

## **Breve nota sobre a bandeira do Partido Operário Revolucionário “Em Defesa da Revolução e Ditadura Proletárias”**

*15 de junho de 2020*

A reportagem da Globo sobre a manifestação contra o governo Bolsonaro e em defesa da democracia, ocorrida no dia 14 de junho, na Av. Paulista, causou uma particular discussão sobre a bandeira do Partido Operário Revolucionário (POR), em que traz inscrita a defesa da revolução e ditadura proletárias. Excetuando a ignorância ou a deformada compreensão de seu significado histórico, os bolsonaristas vêm procurando se utilizar da reportagem para promoverem falsas notícias. Os mestres em fake news chegam ao ponto de dizer que se trata de “terroristas do Antifas”. Uma outra grosseira estupidez é de acusar a rede Globo de estar promovendo a “ditadura do proletariado”. O notável está no fato do repórter não ter ocultado a participação do POR com a referida bandeira, para qualificar de “inconstitucional”.

Ocorre que o governo Bolsonaro se indispôs, não só com a rede Globo, mas com a grande imprensa, em geral. Seu gover-

no se acha ilhado, mantendo-se em pé graças aos generais de seu governo e, portanto, às Forças Armadas. Acuado, ameaça resolver a crise de governabilidade por meio de um golpe de Estado. Os bolsonaristas, não apenas gritam pelo fechamento do Supremo Tribunal Federal e do Congresso Nacional, mas também pela criminalização do comunismo. A horda fascista considera comunista até mesmo os democratas de fachada. Embrulha comunismo com terrorismo.

Outro esclarecimento é sobre o POR. Na reportagem do Fantástico, de 14 de junho, foi dito que o POR se extinguiu em 1990. Provavelmente, a produção da Globo nos confundiu com o Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT), de orientação posadista. O PORT foi criado em 1953. Teve como porta-voz o jornal Frente Operária. Não chegou a constituir um programa, sucumbiu no nacionalismo, e acabou dissolvido no PT. Ao contrário, o POR foi criado em 1989, quando realizou seu primeiro Congresso. Ao cumprir 20 anos, em julho de 2009, publicou seu primeiro livro, intitulado “20 anos construindo o programa”. Constam nessa publicação, dez Congressos e cinco Conferências. No seu apêndice, está presente um folheto que esteve na origem do partido, “O reformismo do PT e a falência das esquerdas”, de 1990. Nesse escrito, se faz a crítica programática às várias correntes de esquerda, que abdicaram de formular um programa de transformação socialista, de acordo com as particularidades do Brasil, tendo por fundamento a revolução e ditadura proletárias. A crítica de 1990 indica porque apenas o POR foi o único partido que esteve presente no movimento pequeno-burguês pela democracia com a bandeira da revolução e ditadura proletárias.

Limitamo-nos a esse esclarecimento, uma vez que publicaremos em seguida uma declaração sobre a relação entre a ditadura do proletariado e a ditadura de classe da burguesia; entre a democracia proletária e a democracia burguesa.

Nota do Partido Operário Revolucionário

## Ataque dos bolsonaristas à bandeira da revolução e ditadura proletárias

16 de junho de 2020

Não pretendemos responder aos vulgares e grosseiros comentários dos bolsonaristas sobre a bandeira do Partido Operário Revolucionário (POR), desfraldada na manifestação contrária às ameaças golpistas de Bolsonaro, e em defesa da democracia, ocorrida em 14 de junho, na Av. Paulista. Apenas assinalamos o ataque do senador Flávio Bolsonaro à consigna “Em defesa da revolução e ditadura proletárias”, e a investida do ex-deputado Roberto Jefferson, cuja biografia de corrupto é muito bem conhecida.

É necessário, ainda, fazer referência ao comentário do editor do “Metrópoles”, que divulgou a frase “*Pura contradição: em ato pró-democracia, manifestantes pregam ‘ditadura proletária’*”. Comete o erro de identificar o POR com a extinta organização pablo-posadista, fundada em 1953, que se dissolveu no PT. Frisa, em tom de denúncia, que “*o POR não tem registro na Justiça Eleitoral*”, e conclui “*não existe formalmente como partido*”, não tendo, portanto, “*representação no Congresso*”. O mais relevante, porém, é a narrativa do jornalista do Globo News: “*Todos dizendo que defendem a democracia. Apesar disso, a gente viu algumas faixas defendendo ditadura proletária*”. E sentenciou como “*inconstitucional*”. No “Fantástico”, de 14 de junho, a reportagem da Globo voltou a acentuar a inconstitucionalidade da bandeira “Em defesa da Revolução e Ditadura Proletárias”.

No dia seguinte, publicamos uma breve nota de esclarecimento sobre a real identidade do POR. Em seguida, divulgamos um documento de 1990, “O que é o POR”. Ambos se encontram no site do partido [www.pormassas.org](http://www.pormassas.org), bem como no Jornal Massas, nº 612.

De fato, o POR não é legalizado. Não porque se nega a participar em eleições. Mas porque as leis que regem a legalização partidária são antidemocráticas. Foram talhadas para permitir somente a legalização de aparatos partidários da burguesia. As correntes de esquerda que conseguiram o

registro dependeram de reunir fundos financeiros, e recorrer ao artifício de assinaturas, que nem sempre correspondem à real representação. É questão de tempo para que parte dessas correntes percam o registro, como indica o cerco da reforma política que impõe a cláusula de barreira. O POR tem por objetivo se construir como programa no seio da classe operária e da maioria oprimida. A sua legalização, se vier a ocorrer, depende da elevação da consciência política dos explorados, que imporão a existência de seu partido contra a vontade da burguesia e de suas leis antidemocráticas.

Sobre a inconstitucionalidade, referida pela imprensa, temos a dizer que apenas são constitucionais os partidos da burguesia, uma vez que o fundamento da Constituição é a propriedade privada dos meios de produção. De maneira que qualquer partido que se declare socialista, formalmente, é inconstitucional. É antiga a luta dos marxistas pelo direito democrático de lutar por um programa de transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. Quem deve julgar o direito de o partido existir são os explorados, que constituem a maioria. Temos visto os bolsonaristas levantarem a bandeira, não só de fechamento do Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, mas também de criminalização do comunismo. Nota-se que não se tem dado importância à tal investida antidemocrática da ultradireita. Lembremos que, na década de 1940, o Partido Comunista foi cassado, e seus parlamentares expulsos do Congresso Nacional, embora estivesse adaptado ao capitalismo, e submetido à democracia burguesa.

Incontáveis vezes, em manifestações, o POR levantou a bandeira em defesa da revolução e ditadura proletárias. Dessa vez, a repercussão se deveu à conjunção de crises. Os atos pró-democracia vêm procurando responder à ameaça do governo Bolsonaro de recorrer ao golpe militar, caso avance o movimento institucional por sua destituição. São também uma contrapartida às inúmeras manifestações dos bolsonaristas, que defendem o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal. Em resumo, que incitam um golpe de Estado.

O POR luta ao lado daqueles que estão contra os bandos fascistas, e contra qualquer forma de golpe. Tem por tradição

a defesa das liberdades democráticas. O que não quer dizer que esteja obrigado a se colocar sob a bandeira geral de defesa da democracia. E não há nenhuma contradição em lutar ao lado das correntes políticas que erguem a bandeira da democracia contra o golpe. Para aqueles que defendem a democracia como um fim em si mesmo, não importa saber que não existe democracia em abstrato, e que se trata de uma forma de regime político, o mais avançado que a burguesia pôde constituir. Hoje, em estado adiantado de decomposição.

O marxismo revelou que a mais perfeita democracia não deixa de ser expressão e um meio da burguesia exercer sua ditadura de classe sobre o proletariado e demais oprimidos. Esse fundamento indica aos explorados que não devem se enganar e se sujeitar à democracia burguesa. Todos aqueles que levantam a bandeira em defesa da democracia precisam ocultar seu caráter de classe, ou seja, a ditadura de classe da burguesia. Não há oposição entre democracia e ditadura de classe, o que há é oposição entre regime democrático e regime ditatorial, seja bonapartista ou fascista. Ambos os regimes conservam a ditadura de classe da burguesia. A democracia pode melhor ocultar e disfarçar o domínio da classe capitalista sobre a maioria oprimida. Não se deve desconhecer que a mais avançada democracia contém elementos do regime ditatorial, que advêm do antagonismo entre as classes sociais, entre outros fatores.

Os reformistas insistiram, no passado, em encontrar um valor universal da democracia - uma essência. Assim, tiveram de eliminar o caráter de classe da democracia, e passar por cima das particularidades de cada país. Essa operação metafísica retira ou deforma as determinações econômicas e de classe da democracia vigente, concreta.

A democracia no Brasil não pôde superar sua origem oligárquica, uma vez que a burguesia manteve essa formação original, apesar de importantes mudanças e adaptações. Esse caráter corresponde, em última instância, ao atraso das forças produtivas do país, e ao domínio do imperialismo. É o que explica a constante instabilidade da democracia, golpes de Estado e longos períodos ditatoriais. Não faz muito tempo, em 2016, um golpe institucional derrubou o governo do PT, deu lugar a

uma ditadura civil e, finalmente, o governo eleito assumiu feições militaristas, e põe em risco a continuidade da democracia oligárquica. De passagem, citamos o fato de o Congresso Nacional chegar ao ponto de ser controlado por bancadas fisiológicas e reacionárias. Bastam essas considerações para se perguntar que sentido tem a defesa da democracia. As direções políticas das manifestações pela democracia não esclarecem, afinal, se estão defendendo a democracia oligárquica. É decisivo ter claro essa caracterização, uma vez que o golpe de Estado se gesta no seio da democracia de carne e osso.

A luta democrática contra o golpe, para os marxistas, não tem um fim em si mesmo. Comparece como uma imposição das condições objetivas, para o proletariado desenvolver sua luta de classe contra o governo burguês golpista e, assim, se fortalecer como classe independente diante da burguesia. Nesse terreno, se criam as condições para erguer as organizações coletivas das massas, e desenvolver a estratégia própria de poder. Estamos distantes subjetivamente da revolução proletária, mas muito perto objetivamente, devido à desintegração do capitalismo, cujos reflexos na política burguesa são visivelmente sentidos.

A revolução e a ditadura proletárias não estão em choque com a democracia em geral, mas sim com o governo burguês do momento, e a democracia que o sustenta. Isso por que a ditadura do proletariado é de classe, o que só é possível historicamente se estiver assentada na democracia proletária. A luta democrática, portanto, não está em contradição com o programa da revolução e ditadura proletárias. Distintamente, a luta democrática de setores da burguesia e da pequena burguesia contra as ameaças de golpe de Bolsonaro se mostra limitada pelo caráter de classe da democracia burguesa. O que não ocorre com a luta democrática do proletariado.

O marxismo elevou a teoria do Estado ao seu ponto mais alto, com a sistematização e contribuição de Lênin para a fundamentação da ditadura do proletariado, como expressão da democracia proletária, e da transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. Está aí por que a ditadura do proletariado corresponde à sua hegemonia de classe, conquistada por meio da revolução social. Essa

hegemonia permanece enquanto a transição do capitalismo para o socialismo não se converter mundialmente em comunismo, regime social em que se extinguem definitivamente as classes e, portanto, se extingue a exploração do homem pelo homem. Não é o caso aqui de adentrar à experiência da degeneração da ditadura do proletariado pela política revisionista do estalinismo. Constata-se que a transformação da ditadura do proletariado em ditadura burocrática teve como antecedente a deformação da democracia operária, e que, finalmente, foi eliminada, com a burocratização e o processo de restauração capitalista. Apenas de passagem, afirmamos que a derrocada da ditadura do proletariado na ex-União Soviética provocou um retrocesso histórico incalculável. A crise de direção se tornou o grande problema a ser resolvido pela vanguarda com consciência de classe. Uma última observação sobre essa consideração. As correntes de esquerda, que se reivindicavam da revolução proletária, se adaptaram a esse retrocesso histórico, renunciando à estratégia da ditadura proletária.

É natural que a burguesia e seus ideólogos não admitam a existência da democracia proletária. Insistem que somente pode haver a democracia criada por ela, quando se ergueu como classe revolucionária, diante do modo de produção feudal e do regime monárquico. Ao se tornar uma classe parasitária e esgotada, a burguesia degenerou a democracia no seu berço de origem, e impossibilitou seu desenvolvimento nos países semicoloniais. O nazifascismo resultou da mais profunda decomposição da democracia na Alemanha. Concomitante a esse processo, a burguesia reprimiu sistematicamente o avanço da democracia proletária. Contou e conta, para isso, com as direções reformistas e traidoras. Não são compatíveis com a democracia burguesa, a existência e a potenciação da democracia, encarnada pelas massas oprimidas. As direções reformistas e colaboracionistas, ao assumirem a defesa estratégica da democracia burguesa, combatem a democracia operária, e a elevação da consciência dos explorados diante da tarefa da revolução proletária, que lhes cabe. Somente triunfará a revolução proletária e se constituirá a ditadura do proletariado nas condições em que se desenvolva a de-



mocracia revolucionária. A experiência plena, nesse sentido, se espelha na criação dos conselhos (soviets) de operários, camponeses e soldados na Rússia, de 1905 e 1917. Os agentes da burguesia necessitam recorrer a frases absurdas, para opor ditadura proletária à democracia em geral.

O surpreendente dessa discussão - e o mais importante - se encontra nas condições objetivas da crise econômica e política, agravadas pela crise sanitária, por que passa o País. A democracia vigente, da qual faz parte o governo ultradireitista e golpista de Bolsonaro, se acha em completa contradição com as condições de existência da maioria oprimida. O desemprego, subemprego, baixos salários, pauperização no campo, miséria e fome estão em choque com a gigantesca concentração de propriedade e riqueza, controladas pela minoria burguesa. A democracia e a governabilidade se assentam nessa realidade social. Ou seja, na brutal exploração das massas e na barbárie. A pobreza e miserabilidade da maioria não é conjuntural, mas sim estrutural. Ocorre que o bloqueio das forças produtivas, encarceradas pelos monopólios, e obstaculizadas pela monstruosa dívida pública, agrava essa condição estrutural, e desmorona o que resta da democracia oligárquica. Está aí por que a democracia e a governabilidade, no país semicolonial, estão condicionadas pelo imperialismo. No caso do Brasil, principalmente, pelos Estados Unidos.

O período mais democrático da história republicana do Brasil se processou sob o governo reformista do PT. Que sobreviveu às crises políticas, graças ao excepcional crescimento econômico, e às ilusões de que seria possível superar a miséria, por meio de pequenas reformas e do assistencialismo estatal. Assim que o País foi atingido pela crise econômica mundial, e se deparou com a mais longa recessão, os partidos da burguesia se uniram em uma frente antidemocrática, e promoveram o golpe de Estado. Esse abalo evidenciou a predominância das tendências ditatoriais da burguesia sobre as democráticas. Não será com o palavreado de defesa da democracia que se mudará essa equação de forças.

No momento, o movimento pela democracia se encontra sob as bandeiras de “Fora Bolsonaro” e “impeachment”, ainda que existam diferenças entre as correntes. Essa via pressupõe

uma ampla frente burguesa, e a transformação do Congresso Nacional em completa oposição ao governo. Mais ainda, implica o consentimento das Forças Armadas. Podemos, assim, afirmar que esse é o último recurso da burguesia no caso da crise política tornar a administração bolsonarista insustentável. E se tornará insustentável, caso as massas saiam às ruas para pôr fim ao governo burguês ultradireitista. Não se pode desconhecer que esse movimento, recém iniciado, mesmo que a pandemia continue matando os pobres, objetiva canalizar o descontentamento dos explorados para o terreno das disputas interburguesas. O que condiciona as suas tendências de revolta ao jogo parlamentar e eleitoral. Nada que se faça, nesse sentido, quebrará as tendências ditatoriais da burguesia, e o esmagamento das condições de vida da maioria oprimida. Nota-se que são duas tendências em choque, a revolucionária e a contrarrevolucionária.

A defesa do plano de reivindicações dos explorados, vinculado à estratégia de poder do proletariado, impulsiona as tendências democráticas e revolucionárias das massas, em contraposição às tendências antidemocráticas e contrarrevolucionárias da burguesia. Esse é o problema fundamental da presente situação, em que o governo ameaça se impor com um golpe de Estado. Evidentemente, o movimento pequenoburguês pela democracia esteve e está muito longe de expressar essa realidade objetiva. A classe operária retorna aos seus postos na produção, desorganizada, golpeada e temerosa. A burocracia sindical empurrou-a para o isolamento social, de acordo com a política e os interesses da burguesia. As direções das centrais e sindicatos continuam amarradas na política burguesa de isolamento social, no momento em que o poder econômico já rompeu essa política, e os explorados sentem a necessidade de se lançarem à luta. Sem uma resposta própria, os trabalhadores foram afastados da produção social, e empurrados de volta ao trabalho, não podendo, portanto, se defenderem com suas próprias forças. Não por acaso, o movimento pela democracia não empunhou as reivindicações que unem a classe operária e demais explorados contra o governo Bolsonaro, e contra a própria oposição burguesa. Isso quando é um imperativo unir empregados e desempregados, em

defesa dos empregos e salários; unir operários e camponeses contra a miséria e a fome.

Na manifestação de 14 de junho, o POR compareceu, não só com a bandeira estratégica, mas também com as reivindicações mais sentidas de defesa dos empregos e salários. Inclusive, propagandeou no cartaz a luta dos metalúrgicos contra o fechamento da Kostal, no ABC. O destaque da reportagem à bandeira da revolução e ditadura proletárias se deveu às condições objetivas da crise política por que passa o País. As demais correntes permaneceram agarradas à defesa abstrata da democracia, e à propaganda do “Fora Bolsonaro”. Isso explica o silêncio das esquerdas, que se reivindicam do marxismo, diante das imposturas da reportagem e dos ataques dos bolsonaristas à bandeira da revolução e ditadura proletárias.

A relevância desse acontecimento não indica que estamos próximos à revolução social. Indica que as condições objetivas estão maduras para o proletariado derrubar a burguesia do poder, constituir um governo operário e camponês, que expressará a ditadura de classe da maioria oprimida, a expropriação do grande capital, a transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade coletiva, e a resolução das tarefas democráticas, como as da independência nacional, revolução agrária e erradicação da miséria. Partindo dessas condições objetivas, está colocada a luta democrática contra as tendências ditatoriais da burguesia, que, no momento, se concentram no combate ao governo militarista, fascizante, antinacional e antipopular de Bolsonaro.

O caráter embrionário do POR e o desvio de uma importante parcela da vanguarda para o reformismo e centrismo configuram as dificuldades de superar a crise de direção revolucionária. É imprescindível a existência de um poderoso partido, organizado no seio da classe operária, para avançar a luta de classes no caminho da revolução proletária. A constituição do partido-programa é um passo importante para resolver essa tarefa. O POR é consciente da necessidade de se construir no seio do proletariado, e reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista. A presença da consigna revolução e ditadura proletárias nos movimentos norteia a luta pela superação da crise de direção.

## Nota de PCO sobre a bandeira do POR

*Massas 612, 21 de junho de 2020*

PCO, pelo menos, teve a decência de se referir ao ataque da Globo à bandeira porista “Em defesa da revolução e ditadura proletárias”. O silêncio, quase que geral das esquerdas, é compreensível, apenas no que diz respeito ao seu significado programático, uma vez que a estratégia da classe operária não lhes serve de guia prático, ou, então, porque a abandonaram definitivamente. Não é compreensível a atitude passiva de não responder às falsificações e ao ataque do mais poderoso órgão da imprensa monopolista à bandeira, qualificando-a como incompatível com o movimento democrático, contrário à ameaça golpista do governo ultradireitista.

Em sua nota, PCO denuncia que a Globo “ (...) *resolveu usar como pretexto para atacar a manifestação uma faixa levada pelos companheiros pelo agrupamento Partido Operário Revolucionário (POR) com os dizeres ditadura do proletariado*”. Notamos a falta de precisão da redação e a ausência de uma clara defesa programática da revolução e ditadura proletárias.

Não é certo que a Globo atacou o movimento e as esquerdas presentes. Não foi um simples pretexto. A reportagem fez a defesa da manifestação democrática contra Bolsonaro, condenando a bandeira do POR por ser, segundo seu parecer, inconstitucional. Ali, caberia apenas a bandeira de defesa da democracia. Em outras palavras, na manifestação, conduzida pela bandeira de defesa da democracia, havia um estranho no ninho. O diretor do Metropoles, Otto Valle, exaltou o conteúdo da reportagem, tanto é que o Globonews-Reprodução avalizou a interpretação de que o fato representou “Pura contradição: em um ato pró-democracia, manifestantes pregam “ditadura proletária”. Para o jornalista, posto a serviço do jornalismo burguês, o POR estaria pregando “um regime de exceção”. Essa falsificação não merece comentário. Apenas, assinalamos esse tipo de ataque à bandeira da revolução e ditadura proletária, para contestar a impostura de PCO, de que foi apenas um motivo da Globo para atacar o movimento e as esquerdas.

O essencial de nossa crítica, porém, recai, na não defesa de PCO à bandeira da revolução e ditadura proletárias. O redator da nota procurou tão somente minimizar o significado da estratégia revolucionária, ocultando a natureza democrático-pequeno-burguesa da manifestação pela democracia. Não reconheceu, portanto, que a bandeira sustentada pelo POR expressou a política do proletariado no interior do movimento democrático contra o governo ditatorial, golpista e fascista de Bolsonaro. É bom ter em mente que PCO está pela bandeira de “Fora Bolsonaro”, que une PT, PSOL, PCB, PSTU, etc., sem apresentar a estratégia de poder que defende. Não por acaso, aderiu ao movimento parlamentar pelo impeachment, desconsiderando que essa é a via burguesa para o golpe institucional.

A nota de PCO resulta em um desserviço ao marxismo-leninismo-trotskismo. O único momento em que parece defender a revolução e ditadura proletárias – ainda de forma indireta, com uma simplória frase – é quando diz que a ditadura do proletariado “*é um governo da maioria do povo, que trabalha e constrói a riqueza da nação contra a minoria de parasitas que desfrutam da expropriação da riqueza produzida, sem trabalhar*”. Isso é tudo que PCO afirma em sua pretensa defesa verbal. Com esse tipo de vulgaridade, não se combate os inimigos de classe do proletariado. A ditadura do proletariado não é em si um governo. Corresponde à classe operária no poder, com um Estado e um governo correspondentes. Em outras palavras, a ditadura do proletariado é a expressão histórica da derrocada da ditadura de classe da burguesia; é o fundamento histórico, princípio programático, da transição do capitalismo ao comunismo. As formas políticas que assumirá são variáveis, mas sua natureza de dominação de classe é invariável. Eis por que “*somente é marxista aquele que estende o reconhecimento da luta de classes ao reconhecimento da ditadura do proletariado*” (Lênin). Há correntes que conservam esse fundamento em palavras, mas se negam a aplicá-la como guia de toda luta, por mais elementar que seja. Assim se passa com o esquerdismo centrista que renunciou à tarefa de elaboração do programa da revolução proletária, de acordo com a diretriz do internacionalismo e com as particularidades nacionais.

*Publicamos abaixo o posicionamento do Partido Operário Revolucionário da Argentina, seção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, sobre os ataques de órgãos da burguesia e da ultradireita bolsonarista à bandeira da “Revolução e Ditadura Proletárias”.*

## **A importância da bandeira de defesa da Revolução e Ditadura Proletárias**

*Massas 612, 21 de junho de 2020*

A intervenção do partido, na mobilização de 14 de junho, em São Paulo, contra Bolsonaro e a ameaça de golpe, teve uma enorme repercussão, porque foi noticiada pela rede Globo e outros meios, e foi utilizada pela direita para criticar a oposição, fazendo referência à bandeira do partido.

Tem especial importância, nesse momento de catástrofe histórica do capitalismo, no terreno econômico, social e sanitário. Porque setores da burguesia debatem qual é a “saída” para semelhante crise. Somente os revolucionários dizem que não há nenhuma saída progressiva à crise, nos marcos da grande propriedade privada dos meios de produção, e que o capitalismo não pode ser reformado ou humanizado.

Destacam-se nossas bandeiras, bandeiras históricas da classe operária, porque são únicas. Somente o marxismo-leninismo-trotskismo defende com clareza a estratégia da classe operária. De conjunto, as esquerdas reformistas e centristas enterraram as bandeiras comunistas.

O POR, ainda em estado embrionário, avançou muitíssimo na tarefa de pôr em pé o Estado Maior da classe operária. Tem, em suas mãos, uma arma poderosa, que vem sendo aperfeiçoada, aplicando o método científico: o programa e as ideias, que se estruturam por detrás da estratégia da luta pelo poder. Esse programa, essas ideias, estão expressando as tendências mais profundas da luta, da resistência. São sua expressão consciente, que diz que somente levando as lutas até o final, derrubando a ordem capitalista, a classe operária e demais explorados poderão conquistar suas reivindicações, poderão resolver a tarefa da independência nacional, rompendo todas as ataduras com o imperialismo, poderão, finalmente, nacio-

nalizar os latifúndios, e levar a cabo a revolução agrária. Essa é a via para o País recuperar os recursos para toda sociedade, desbloqueando as forças produtivas, obstaculizadas pela grande propriedade capitalista e pelo capital financeiro.

As massas somente conhecerão a democracia quando tiverem o poder, quando suas próprias organizações tomarem as decisões, quando instaurarem um governo operário e camponês (ditadura do proletariado). Somente poderá haver uma verdadeira democracia para as massas, quando esses meios de produção estiverem socializados (que sejam de todos em geral, e de ninguém em particular). Como dizem os companheiros do POR do Brasil, falar da “defesa da democracia” ou da democracia em geral é uma abstração. As formas da democracia burguesa se apoiam nos pilares da grande propriedade, portanto, é uma forma da ditadura do capital. Essa questão essencial, para educar permanentemente as massas, tem sido abandonada pelo restante das correntes de esquerda.

As correntes que colocam a luta em defesa da democracia em geral acabam atuando em bloco com as correntes da burguesia, e sob a estratégia política dessa classe, por isso, se negam a levantar as posições próprias da classe operária, para evitar se chocar com seus aliados. Aquelas correntes que se reivindicam da classe operária deveriam defender o POR e suas bandeiras, contra todas as deformações e infâmias que espalham os meios burgueses.

O POR expressa, com precisão, os interesses históricos da classe operária, porque somente os revolucionários os defendem abertamente, na prática. Esse é um traço distintivo da intervenção política do POR. Temos acompanhado, com grande interesse, a intervenção do partido na mobilização, e como tem defendido as bandeiras diante do ataque do governo e dos canalhas dos meios de comunicação.

*Partido Operário Revolucionário da Argentina, 6 de junho de 2020*

## ***Boletim Nossa Classe da regional de Pernambuco*** **O que é a ditadura do proletariado?**

*Campanhas - Massas 612, 21 de junho de 2020*

A faixa empunhada pelo Partido Operário Revolucionário (POR) na manifestação de 14 de junho, em SP, defendendo a revolução e ditadura proletárias, foi criticada pela rede Globo e bolsonaristas. Aproveitamos para explicar o que significa.

Vivemos em uma ditadura da minoria capitalista. O Estado, com seu exército, polícias, Justiça e governantes, sustentam a dominação burguesa. A forma como essa ditadura é exercida varia, por exemplo como democracia burguesa ou ditadura militar.

O POR, responsável pelo Boletim Nossa Classe, é contra o retorno à ditadura militar, como ameaça Bolsonaro. Mas, faz questão de denunciar que essa democracia em que vivemos é a democracia dos ricos. É necessário substituir o poder da minoria pelo poder da maioria explorada, um governo operário e camponês. Essa substituição só pode acontecer por meio de uma revolução. O Estado operário (ditadura do proletariado) transformará a propriedade privada dos meios de produção em propriedade coletiva, e colocará a riqueza produzida pelos trabalhadores a serviço de todos. Impedirá a burguesia de retomar o poder e preparará o caminho para uma sociedade sem classes, sem exploração e sem opressão.

*Manifesto do Partido Operário Revolucionário*

## **Somente com a organização independente e mobilização massiva, os trabalhadores podem se defender**

*14 de junho de 2020*

A política burguesa de isolamento social gestou a propaganda de que a total paralisia dos explorados era e é a única forma de se defender da pandemia. No fundo, se encontram os interesses da burguesia em interromper a luta de classes, que vinha se desenvolvendo em inúmeros países. A burocracia sindical, em toda a parte, abraçou essa causa burguesa,



como se fosse o caminho da real defesa da vida dos pobres e miseráveis. As correntes de esquerda, via de regra, seguiram os passos dos burocratas conciliadores e traidores. Ou assumiram, abertamente, a política burguesa de isolamento social, ou ocultaram sua posição, evitando caracterizar e atacar o seu conteúdo de classe.

As consequências dessa política, depois de mais três meses de pandemia, são: 1) os mais pobres pagaram e pagam com a vida; 2) os assalariados perderam empregos e tiveram redução salarial; 3) os trabalhadores informais se depararam com a miséria e a fome; 4) os estudantes se viram arregimentados pelo ensino a distância; 5) os governos aproveitaram para avançar a escalada repressiva; 6) os capitalistas se valeram da situação adversa ao proletariado para ampliar a flexibilização do trabalho; 7) a burocracia sindical cumpriu seu papel colaboracionista, contribuindo com os acordos antioperários; 8) ideologicamente, se injetou na população a farsa de que trabalhadores e patrões estavam do mesmo lado, sofrendo os mesmos efeitos das crises econômica e sanitária.

Uma parte da classe operária e demais explorados foi empurrada para o isolamento social, não podendo, assim, se defender com sua política de classe oprimida. E a outra parte teve de ir ao trabalho, correndo o risco da contaminação, e tendo de se submeter à redução salarial e perda de direitos. A classe operária e demais explorados, como se vê, foram submetidos a uma camisa de força, enquanto a burguesia manipulava os acontecimentos da pandemia para se preservar das múltiplas consequências.

Há algumas semanas, ainda imperava a orientação burguesa de não se manifestar coletivamente, para não quebrar o isolamento social. Isso quando o poder econômico já vinha impondo a retomada da “normalidade”. É certo que, em plena vigência do isolamento parcial, ocorreram manifestações isoladas dos trabalhadores da saúde, e greves em função dos atrasos salariais e demissões. Indicaram a necessidade latente de se defenderem com as reivindicações e métodos próprios da luta de classes.

Em vários países, esse embrião se evidenciou. O rompimento da inércia e da política burguesa de isolamento so-

cial se deu nos Estados Unidos. As massas jovens ocupam as ruas das principais cidades, em todo o País, há 11 dias. Tudo indica que ainda se estenderá, reagindo bravamente ao cerco policial. Mais uma vez, o assassinato de um trabalhador negro pela polícia provoca uma explosão social de grande magnitude. Por mais que se procure ater ao racismo, que resulta em violência cotidiana aos negros, sabe-se que, desta vez, o movimento de protesto expressa as raízes de classe da opressão.

A juventude norte-americana, negra e branca, comparece unida, impulsionada pelo desemprego, subemprego e pobreza. A importância desse levante está em que as massas mobilizadas mostram que não se deve desorganizar e deixar de lutar em meio à mortífera pandemia. Mostram, por outro lado, que o estilhaçamento da classe operária e demais explorados, provocado pela política burguesa do isolamento social, serviu apenas aos interesses econômicos e de dominação da burguesia. Fica patente que o temor e o medo coletivos são paralisantes. Uma das faces do isolamento social foi o de aterrorizar a população, impossibilitar qualquer lampejo de consciência social e política, bem como individualizar os riscos e culpabilizar aqueles que, não podendo se manter no isolamento, voltam às ruas para ganhar o pão de cada dia.

A revolta contra o assassinato de George Floyd pelo policial branco Derek Chauvin rompeu o temor e o medo, colocando a serviço dos governos e da burguesia. Os batalhões de jovens se vestiram com as máscaras de proteção e superaram as pressões políticas e policiais. A causa dos oprimidos se mostra maior e mais poderosa que o medo individualizado, imposto à população. Não há um só pinga de aventura, irresponsabilidade social e leviandade. Ao contrário, as massas encarnam as necessidades prementes e assumem a responsabilidade, saindo em luta contra a burguesia branca e seus governos. Em nenhum momento, temeram a ameaça de Trump de intervir com as Forças Armadas, para esmagar as supostas ações terroristas.

Os burocratas sindicais e esquerdistas brasileiros, aterrorizados, serviram de porta-vozes da política burguesa do isolamento social, acusando de irresponsáveis aqueles que

defenderam, desde o início, que somente a classe operária organizada e mobilizada poderia tomar em suas mãos as respostas à pandemia e suas consequências.

O movimento das massas norte-americanas mostrou o caminho da luta. Os explorados e a juventude do mundo todo foram surpreendidos com a revolta na mais poderosa potência. Isso quando ainda prevalecia a recomendação governamental de não se manifestar e resguardar o isolamento social. O risco de contaminação existe. Os manifestantes não o desconhecem. Os Estados Unidos se tornaram o epicentro da pandemia. Mais de 150 mil mortos. Destes, a maioria é de negros, imigrantes latinos, pobres e miseráveis. Ficou claro que o governo Trump, governadores e a burguesia não foram capazes de proteger aqueles que mais precisavam. As demissões e o desemprego explodiram em poucas semanas. As massas viram que não enfrentavam apenas o risco do coronavírus, mas um conjunto de riscos interligados. Essas condições trágicas levaram as massas às ruas, e ao persistente enfrentamento ao Estado policial.

O exemplo de combate ascendeu o pavio dos protestos em várias partes do mundo. Chamaram a atenção, as massivas manifestações na Europa. Esses exemplos devem ser seguidos no Brasil e na América Latina. Passamos dos 35 mil mortos, e a escalada continua ascendente. Também aqui morrem pobres e miseráveis, na sua maioria de negros. O isolamento social foi rompido pelo poder econômico. Os governadores acabaram se curvando, aproximando-se da orientação de Bolsonaro. E os burocratas sindicais continuam com o palavreado de proteção à vida. Começam a se movimentar, diante da divisão interburguesa e da crise de governabilidade. Em vez de iniciar, imediatamente, a organização do movimento operário, para responder à crise sanitária, demissões, desemprego e redução salarial, agarram-se à bandeira abstrata da democracia, e do impeachment de Bolsonaro. Isso sabendo que a única forma de combater conseqüentemente o governo militarista e fascizante é reorganizando os explorados sobre a base de um plano próprio de emergência, e oposto a todos os planos de emergência de Bolsonaro, governadores e Congresso Nacional.

Os explorados – negros e brancos – estão em uma encruzilhada. Ou ganham as ruas, ou continuarão sofrendo as brutais consequências da pandemia e da crise econômica. Ou enfrentam a burguesia e seus governos, com sua política e estratégia própria de poder, que é a do governo operário e camponês, ou sofrerão ainda mais com a barbárie social, que avança com o processo de desintegração mundial e nacional do capitalismo.

As manifestações de 31 de maio, em São Paulo e Rio de Janeiro, embora embrionárias e carentes das reivindicações proletárias, são os primeiros sintomas da necessidade de romper a paralisia. Repetimos, imposta pela política burguesa do isolamento social. Não se pode ter dúvida de que teremos nosso estopim, como tiveram os Estados Unidos. Não se deve, no entanto, esperar por ele. A vanguarda com consciência de classe está diante da tarefa de combater pelas reivindicações dos explorados. Trabalhar pela convocação assembleias, para organizar o movimento nacional, e retomar os elos das greves gerais de 2017 e 2019. Retomar as grandes manifestações rua. Erguer a democracia operária, por meio das assembleias e da organização de comitês de base por todo o País. Desenvolver no interior da classe operária o programa e a estratégia da revolução proletária. Vincular nossa luta com a luta internacional dos explorados. Esse é o caminho para derrotar o governo ultradireitista, militarista, golpista e fascizante.

***Viva a retomada da luta dos explorados nos Estados Unidos e em todo o mundo!***

***Retomar, no Brasil, a luta local, regional e nacional, sob um plano de emergência próprio dos explorados!***

***Enfrentar, imediatamente, as demissões, desemprego, subemprego e quebra de direitos!***

***Acabar com os acordos de redução salarial e quebra de direitos, assinados pelos sindicatos!***

***Pôr abaixo as Medidas Provisórias de Bolsonaro, governadores e Congresso Nacional, que sacrificam a vida da maioria oprimida e protege os interesses dos capitalistas!***

## **Atos pró-democracia**

*Massas 612, 21 de junho de 2020*

### ***Segundo ato em São Paulo***

Ocorreu, no dia 7 de junho, na região de Pinheiros, a segunda manifestação convocada pelos coletivos autointitulados “antifascistas” de torcedores do Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo. Quatro aspectos devem ser destacados: primeiro, é importante notar que não se deu novamente na Av. Paulista, como a do domingo anterior (31/05), justamente porque nesse dia houve conflito entre os seus participantes e uma coluna de profascistas, fato que gerou grande repercussão, particularmente devido às imagens da polícia confabulando com os direitistas, enquanto reprimia o protesto da esquerda. Até houve um chamado para manter o ato na Av. Paulista dia 7, mas que não se concretizou.

O aspecto principal que serviu de justificativa para a mudança do local foi uma medida judicial, proferida na sexta-feira, dia 5, que proibia as passeatas de adversários de realizarem protestos no mesmo horário, “para evitar confrontos”. Aqui se encontra o segundo ponto de destaque: o líder do MTST e candidato pelo PSOL, Guilherme Boulos, se aproveitou da determinação judicial, distorcendo-a, para capitanear o chamado para o Largo da Batata. Disse que havia uma proibição de realizá-la na Paulista, o que não era verdade. Em outras palavras, o PSOL, que até dias antes estava numa radical posição de condenação dos atos presenciais, passou abruptamente a tentar usurpar a direção das manifestações, numa conduta claramente oportunista.

O terceiro destaque é que os partidos de esquerda, praticamente, estiveram ausentes no dia 31, à exceção do POR e outras poucas organizações – só o POR com seu manifesto. Já no dia 7, estavam quase todos os partidos – além da CSP-Conlutas, UNE e UBES, e mais algumas entidades. Nenhum deles, porém, apresentou uma justificativa para a mudança de posição, de ferrenhos críticos dos atos presenciais, a participantes. Essas correntes, centrais e organizações estudantis

se submeteram rigorosamente à política burguesa do isolamento social. Os burocratas se amarraram a “*uma difícil decisão “Vou para a rua para lutar pelo futuro ou fico em casa para garantir minha saúde?”*”

Por último, destacamos que não houve uma mudança substancial no conteúdo das consignas que encabeçaram a manifestação. No dia 31, prevaleceram o eleitoreiro “Fora Bolsonaro”, e a defesa abstrata da “Democracia”, além da questão do racismo. Vale lembrar que o conflito racial, que irradou a partir dos Estados Unidos, e chegou a diversas cidades do mundo, esteve na base do chamado dos atos no Brasil, inclusive o do dia 31, em São Paulo. O que se percebeu no dia 7 foi a repetição dessas bandeiras. Falaram no carro de som lideranças do movimento negro e representantes do Hip Hop, Rap e do Funk, denunciando a opressão sobre os negros.

Ao POR foi negado um pronunciamento no carro de som. A direção burocrática não tolera a presença da política revolucionária. Evidentemente, nunca precisamos de sua auto-ritização para expressar as posições do proletariado e demais explorados. O POR deu especial atenção à necessidade do movimento de se expandir e radicalizar, defendendo um plano de emergência próprio dos explorados, para enfrentar as crises econômica e sanitária, defendendo os empregos, salários e direitos, bem como à necessidade de enfrentar todas as formas de opressão, o racismo incluído, atacando as suas raízes de classe.

O ato concluiu com uma marcha espontânea, contrariando a orientação da direção, a qual o havia dado por encerrado ali mesmo, no Largo da Batata. Este fato é importante, uma vez que comprova a existência de uma tendência de luta, particularmente entre os jovens. Dadas as circunstâncias, entretanto, a marcha acabou realizando-se sem uma direção política clara. O ato parecia se dirigir para a Av. Paulista, evidenciando que a vanguarda não havia aceitado a mudança de local e, principalmente, não tolerava deixar a principal avenida da capital ser tomada pelo desfile dos fascistas. Sem política e sem correlação de forças, a passeata acabou se detendo diante do bloqueio policial, que impediu a marcha de chegar à Paulista, no que os manifestantes acabaram se dis-

persando. No final, ainda houve repressão policial sobre os que permaneceram até à noite.

### ***Passeata do dia 14 na capital paulista***

O dia 14 de junho ficou marcado pela realização do terceiro ato convocado pelos coletivos autodenominados “antifascistas” das torcidas de futebol. Dessa vez, não houve qualquer polêmica quanto ao local da manifestação, sendo realizada na Av. Paulista. Isto porque a prefeitura instituiu um “rodízio” para ocupação da Av. paulista, com cada fim de semana sendo dividido entre as manifestações pró e contra Bolsonaro. Contou com uma maior presença das organizações de esquerda. As centrais e sindicatos permaneceram distantes e imobilizadas, seguindo a política burguesa do distanciamento social.

A passeata saiu do Masp, e seguiu até a Praça Oswaldo Cruz. De maneira geral, manteve as palavras de ordem democratizantes e eleitoreiras dos dois primeiros atos. O “Fora Bolsonaro, a defesa do impeachment, em favor do Estado Democrático de Direito”, e contra o racismo e outras formas de opressão continuaram compondo o conteúdo da mobilização. O POR se distinguiu pela bandeira da “Defesa da revolução e ditadura proletárias” e pelos cartazes com as reivindicações de emprego, salário e contra as demissões. Não foi só a bandeira do partido que se chocou com a orientação política geral do ato, mas também as palavras de ordem. Impressionou ver o quanto as correntes abriram mão, mesmo durante uma crise econômica tão severa, das consignas de defesa do emprego e dos salários.

Enquanto o POR cantava: “*O patrão fecha a fábrica, não paga os salários: controle operário!*”, as correntes pequeno-burguesas gritavam: “*De-mo-cra-cia!*”; à medida que o POR agitava: “*Pra acabar com toda forma de opressão, só fazendo revolução!*”, as correntes clamavam: “*Fora Bolsonaro!*”, e assim por diante. Nos cartazes erguidos pela militância porista, se via a denúncia do fechamento da fábrica Kostal, pressionando as direções sindicais a convocarem as assembleias e organizarem a luta. Enfim, como se vê, o POR interveio com uma política voltada à defesa de uma plataforma classista e

combativa, ao passo que as demais correntes se limitaram ao jogo de desgaste eleitoral do bolsonarismo.

Por se tratar de uma marcha de domingo, e sem a presença dos provocadores fascistas, acabou ocorrendo sem maiores sobressaltos. Foi encerrada com um jogral, que quase ninguém conseguiu escutar, em que se confirmou a continuidade dos atos, chamando o próximo para a semana seguinte, novamente no domingo, dia 21.

## **Bandeira da “Revolução e Ditadura Proletárias” do POR se projeta nacionalmente**

*Massas 612, 21 de junho de 2020*

O ato ocorrido na Av. Paulista, no dia 7 de junho, foi convocado pela Frente Povo Sem Medo, MTST e Torcedores pela democracia. As bandeiras principais destes organizadores foram “Fora Bolsonaro” e “Democracia”. A mídia, em geral, o caracterizou como “ato pela democracia”, em oposição à manifestação dos bolsonaristas, que aconteceu no mesmo dia, em frente à prefeitura de São Paulo, com cerca de 30 pessoas.

O POR caracterizou corretamente a tendência democratizante e eleitoreira dos atos que vêm ocorrendo na cidade, desde 31 de maio, quando as torcidas organizadas romperam o isolamento, e atropelaram as correntes de esquerda durante sua quarentena. Apesar deste caráter, o POR não deixou de intervir em nenhuma manifestação. A militância levou as bandeiras e manifestos, mostrando às massas e à vanguarda o caminho da independência de classe e da ação direta, para combater o governo golpista e os ataques do poder econômico à condição de vida do proletariado. Observando a tendência crescente do eleitoralismo dos atos, o POR levantou, na manifestação do dia 14, bandeiras estratégicas de defesa da revolução e ditadura proletárias.

A rede Globo, ao noticiar o ato, deu destaque à bandeira porista. Enquanto noticiavam em tom de “festa da democracia”, “[...] todos dizendo que defendem a democracia, e apesar disso a gente viu claro, algumas faixas defendendo ditadura proletária”, disse o repórter, depois de gaguejar a palavra “proletária” por 5 vezes, e continuou, “isso também fere a Constituição [...]”.



Pouco tempo depois, a imagem da bandeira revolucionária estava no perfil do Twitter e Instagram do senador Flávio Bolsonaro, espalhando mais uma fake news para seus apoiadores. Em sua postagem, dizia que a rede Globo estava apoiando a ditadura proletária. Um disparate tão grande que só mesmo os bolsonaristas para acreditar. Tanto acreditaram que esta imagem foi compartilhada mais de 30 mil vezes. Outros expoentes do bolsonarismo seguiram o “01 do presidente”. A exemplo de Eduardo Bolsonaro, Carlos Bolsonaro, Roberto Jefferson, Artur Weintraub (irmão do ministro da educação), a blogueira bolsonarista Sara Winter, o colunista Leonardo Coutinho, entre outros. Todos eles, de uma forma ou de outra, espalharam fake news de que a Globo estava do lado da bandeira do POR. O senador bolsonarista estampa a bandeira do POR, denominada de “democracia globista” (uma referência à Globo) e faz o deboche, típico dos cretinos: *“Em defesa da revolução e ditadura proletárias”... “Não é difícil escolher um lado”*.

A rede Globo, depois de fazer uma rápida pesquisa no Wikipédia, informou no programa Fantástico que se tratava de um grupo que *“reivindicava o Partido Proletário Revolucionário, extinto em 1990”*. Confusão com o Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT), de orientação posadista. O PORT foi criado em 1953. Não chegou a constituir um programa, sucumbiu no nacionalismo, e acabou dissolvido no PT. Ao contrário, o POR foi criado em 1989, quando realizou seu primeiro Congresso. Ao cumprir 20 anos, em julho de 2009, publicou seu primeiro livro, intitulado *“20 anos construindo o programa”*. Constam nesta publicação, dez Congressos e cinco Conferências. A confusão original se transformou em mau caratismo, quando a matéria, prenhe de erros do Fantástico, foi reexibida na segunda pela manhã, no Bom Dia Brasil e no Jornal Hoje. Aparentemente, essa repercussão obrigou o governador João Doria a se manifestar sobre a bandeira do POR em seu pronunciamento diário: *“Quero dizer aos saudosistas da ditadura que vocês já perderam. O Brasil não vai virar uma Venezuela, nem Bielorrússia, ou Cuba, nem ditadura fascista, nem ditadura proletária. A maioria dos brasileiros quer a democracia”*, gastando assim, todo seu conhecimento de história política.

No campo da esquerda, o debate também foi colocado, e militantes de diversas organizações se pronunciaram. Desde estalinistas que, no afã de defender a bandeira, disse que a Globo estava errada em dizer que era inconstitucional, já que se tratava de um conceito teórico. Ou um militante psolista que, num debate conosco, disse “*os bolcheviques nunca levantaram uma faixa com esta frase, porque é incompreensível pelos trabalhadores*”. Esse conhecedor de orelhada do bolchevismo desconhece que a luta de Lênin esteve sempre voltada a estabelecer a estratégia revolucionária, ao ponto de se ver obrigado a redigir um amplo folheto, O Estado e a Revolução, que se tornou um guia aos verdadeiros marxistas. O problema, no entanto, é que ocultou a sua condenação pelo fato de o POR ter levantado a bandeira da ditadura do proletariado. O mais importante é que foi uma voz isolada. As correntes que se reivindicam do socialismo ficaram caladas diante do ataque dos bolsonaristas e doristas à bandeira do POR, e à condenação da Globo por ser “inconstitucional”.

Destaca-se que, diante da bandeira de ditadura proletária, todos eles – ultradireita bolsonarista, direita liberal, Globo, reformistas etc. – se alinharam no ataque aos revolucionários. Não causa espanto ao POR essa comunhão, contrária à tomada do poder pelos explorados e implantação de seu próprio Estado e governo.

Todo Estado é uma ditadura de classe. A ditadura do proletariado, a ser constituída por meio da revolução proletária, será a democracia mais ampla que poderá existir aos explorados, que controlarão o Estado contra a ultra minoria burguesa. Democracia e ditadura não são regimes neutros, que flutuam no ar, por fora das classes. A atual “democracia” corresponde à ditadura de classe da burguesia, que, de fato, controla o Estado. O “poder do voto” é a máscara necessária para controlar o proletariado em sua crença de que a substituição de um governo burguês por outro será a solução de seus problemas.

A ditadura do proletariado ganha concretude nas formulações de Marx e Engels, diante da Comuna de Paris (1871). Nas mãos de Lênin e Trotsky, se tornou uma bandeira a ser desenvolvida no interior da luta revolucionária das massas. A ditadura do proletariado é necessária para a transição do

capitalismo ao comunismo, à sociedade sem classes sociais, sem a opressão do homem sobre o homem. Finalmente, se extinguirá com o próprio Estado. Está alicerçada nos organismos de poder dos explorados, na democracia operária, direta. Os conselhos operários, camponeses e de soldados, que se ergueram na Revolução Russa, são a prova concreta da democracia proletária. Com a revolução, o exército e a polícia permanentes, que são os braços armados do Estado, serão destruídos e, em seu lugar, se erguerá o povo coletivamente armado. Os cargos serão elegíveis e revogáveis e, só assim, as massas conhecerão a verdadeira democracia.

Dizemos aos reformistas e marxistas de gabinete que não se deve abandonar uma bandeira histórica e profundamente atual. Ao contrário de ceder aos agentes da burguesia, que a ataca, deve-se desfazer a confusão proposital entre ditadura do proletariado e ditadura militar. Se os operários não entendem imediatamente, nós explicamos pacientemente, e quantas vezes for necessário. Mas, é preciso deixar claro: nada, absolutamente nada, é incompreensível aos trabalhadores. Acontece que aqueles que não defendem a revolução vão sempre encontrar subterfúgios, para ocultar o revisionismo, o atraso político e, assim, desviar as massas de sua tarefa histórica, que é a tomada do poder e transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social, socialista.

*Manifesto do Partido Operário Revolucionário*

## **Em defesa dos empregos, salários, direitos trabalhistas e saúde Abaixo o governo de Bolsonaro! Por um governo operário e camponês!**

*28 de junho de 2020*

Já passou da hora, a necessidade de pôr em pé um gigantesco movimento dos explorados contra o governo, que sacrifica a vida da maioria oprimida, protege o grande capital, e submete ainda mais o País ao imperialismo. Esse governo, não apenas tripudiou a gravidade da pandemia, que ultrapassou 50 mil mortos e 1 milhão de infectados, como também

impôs a redução salarial, e facilitou as demissões.

Não se pode usar a crítica à posição de Bolsonaro contra o isolamento social, para ocultar as inúmeras Medidas Provisórias (MPs), que golpeiam os explorados, de um lado, e protegem os capitalistas, de outro. Também não se pode esconder que Bolsonaro tem governado por meio de Medidas Provisórias, graças ao apoio do Congresso Nacional. Bolsonaro, antes da pandemia, estabeleceu como política antioperária impor a reforma da Previdência, e implantar a reforma trabalhista. Estabeleceu como meta realizar a reforma administrativa, voltada contra a maioria do funcionalismo público. Mostrou-se protetor dos oficiais das Forças Armadas e da polícia militar, responsáveis pela repressão aos explorados. Desferiu golpes contra a educação pública, privilegiando o sistema privado de ensino. A pandemia tão somente agravou a situação da classe operária e demais explorados. A MP 936 é uma peça de artilharia contra os salários e os empregos.

Bolsonaro e o Congresso Nacional planejaram três meses de auxílio emergencial a milhões de trabalhadores informais, concedendo pouco mais da metade de um salário mínimo, que já é de fome. Milhões de necessitados sequer o receberam. Esgotado o prazo, o governo se nega a prorrogar o miserável auxílio de R\$ 600,00. Bolsonaro, Congresso Nacional, governadores e o conjunto da burguesia agem por cima de milhões de pobres e miseráveis, que mal têm o que comer.

Nesse exato momento, o Senado aprovou o “novo marco legal do saneamento do País”. Os politikeiros e capitalistas dizem que é para resolver velhos problemas de água e esgoto, para milhões que vivem em favelas, cortiços e empobrecidos bairros operários. No entanto, o fundamento do projeto se baseia na privatização desses serviços sociais, diminuindo a participação e a responsabilidade do Estado. Os parlamentares, em sua esmagadora maioria, deram as mãos a Bolsonaro/Guedes. É visível o acordo com o governo, em torno à privatização do patrimônio público, e o entreguismo pró-imperialista.

Tudo indica que a queda econômica poderá ser de 9%. O que resultará em maior destruição de postos de trabalho, e aumento do desemprego, subemprego e informalidade. A si-

tuação de pobreza e miséria já é insuportável. Esse é o ponto de partida para pôr em pé um movimento nacional, unitário e combativo. A classe operária tem de ser organizada como força motriz da revolta da maioria nacional oprimida. Um movimento, que não esteja organizado no campo da luta pelas reivindicações dos explorados contra os exploradores, não terá como derrotar o governo antinacional e antipopular, militarista e obscurantista. Eis por que as centrais, sindicatos, movimentos e correntes políticas vinculadas aos explorados têm o dever de mobilizar as massas, partindo de suas necessidades vitais, que se chocam com a exploração capitalista e com o governo burguês de plantão. Têm o dever de convocar assembleias em todos os sindicatos, unir empregados e desempregados, e constituir os comitês de base.

O País está mergulhado em uma profunda crise política, que se ampliou a partir de 2008, com a derrocada mundial da economia, cujos reflexos no Brasil atingiram o governo do PT. Lembremos que as jornadas de luta de junho de 2013 erigiram um marco no processo da crise política. Três anos depois, Dilma Rousseff seria destituída por um golpe de Estado, realizado por uma ampla frente partidária da burguesia e pelo impeachment. A derrubada do impotente governo reformista não deu lugar a um período de estabilidade política. Ao contrário, a ditadura civil de Temer somente não caiu, porque a classe operária e demais explorados foram contidos nos marcos legais, parlamentares, da política burguesa. A responsabilidade das direções, que controlam o movimento operário, camponês, popular e estudantil, não tem como ser escondida. Está aí por que Temer conseguiu impor a brutal reforma trabalhista, e impulsionou o plano de privatizações. Conseguiu, assim, preparar o caminho para a ascensão da ultradireita no poder do Estado.

A eleição de Bolsonaro não representou o fortalecimento da política burguesa diante da classe operária e demais explorados. Isso por que não teve como enganar a população, por um minuto sequer. Golpeado pela crise econômica, desde o início de seu governo, e, agora, atingido pela crise pandêmica, não teve como implantar um governo bonapartista, de tipo policial-militar. Estruturou um governo militarista com esse propósi-

to. O enfraquecimento de seu governo se deu, principalmente, pela divisão no bloco da direita e ultradireita. A oposição democrático-reformista se manteve subalterna aos conflitos e cições no campo da centro-direita, direita, ultradireita. A queda do ministro da Justiça, Sérgio Moro, expressou as poderosas forças centrífugas da crise política. Nesse quadro de desintegração do governo, comparece a dissensão de Bolsonaro com o Supremo Tribunal Federal (STF). O Congresso Nacional tem servido de intermediação, para retardar o processo de quebra do governo ultradireitista. As direções da classe operária e demais explorados, por sua vez, se encontram adaptadas aos choques interburgueses, oferecendo seus serviços por meio da política de conciliação de classes. As provas mais visíveis se encontram nas posições capituladoras diante da reforma da Previdência e, agora, diante da política burguesa do isolamento social, que implicou a aceitação, na prática, da MP 936, e no silêncio diante das demissões em massa.

A prisão de Fabrício Queiroz reacendeu as denúncias de corrupção, e de vínculo da família Bolsonaro com as milícias do Rio de Janeiro. Reafirmou o objetivo de Bolsonaro de colocar a Polícia Federal como guardião da bandidagem. Bolsonaro entregou a cabeça do ministro da Educação, Weintraub, como parte de negociações com o STF. Toffoli e os presidentes do Congresso Nacional negociam uma distensão. Desembargadores do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro aceitaram transferir o processo contra Flávio Bolsonaro para o Tribunal de Justiça (TJ), o que permite ao governo ganhar tempo para suas manobras de sobrevivência. Por cima dessa movimentação, se encontram as ameaças de golpe militar. Tudo indica, no entanto, que a crise política e a desagregação do governo continuarão avançando. O fator decisivo está na luta de classes. Ou seja, no levante dos explorados contra o desemprego, a miséria e a fome. As bandeiras que devem impulsionar a luta do proletariado são aquelas que atingem a exploração capitalista do trabalho, a miséria estrutural, e a submissão do País ao imperialismo.

Caso a desagregação do governo avance rapidamente, e a crise de governabilidade se torne insustentável, a oposição burguesa tem como saída a renúncia de Bolsonaro, o impea-

chment, ou a cassação da chapa pelo TSE. Com a pandemia, aumentou o espectro oposicionista. De um lado, o PT e aliados; de outro, PDT, PSB, Rede e parte do PSDB. O agravamento da crise permitiu a reaproximação do PSB, PDT e Rede com a frente petista. Se essa frente ampla se consolidar, terá como guia o impeachment, o processo de cassação da chapa Bolsonaro-Mourão, que se encontra no TSE, e “Fora Bolsonaro”. Esse acordo foi selado na “Reunião Fora Bolsonaro” de 23 de junho. A bandeira geral é a de “Defesa da Democracia”. Nota-se que essa frente se limita a uma via institucional, por onde se impulsionará a oposição ao governo. Estão excluídas as reivindicações de emprego, salário, direito trabalhista, e saúde. A reunião, promovida pela Frente Brasil Popular (PT) e Povo sem Medo (PSOL) teve o cuidado de evitar o enfrentamento com a burguesia. O programa emergencial de defesa da vida das massas não permitiria tamanha amplitude frentista. No fundo, a unidade entre o centro-esquerda e a esquerda reformista e centrista se resume a potenciar a oposição eleitoral a Bolsonaro, e, em última instância, servir de canal para uma solução negociada, caso o governo se desintegre de uma vez por todas.

Não há dúvida de que a maioria oprimida está contra esse governo e aspira a sua derrocada. É sobre essa base que a oposição tem como ecoar a bandeira do impeachment e do “Fora Bolsonaro”. No entanto, não depende dela para triunfar. Depende da disposição da burguesia, para remover o governo imprestável. É o que mostram as duas experiências de impeachment, a de Collor e a de Dilma. Essa via cassa o voto de quem elegeu o presidente, por meio de uma decisão do Congresso Nacional. Somente com o consentimento da burguesia, é possível convencer as Forças Armadas a apoiarem o afastamento de Bolsonaro. Neste caso, não há dúvida de que Mourão ocupará a presidência da República, como fez Temer com o impeachment de Dilma. A convocação imediata de novas eleições é o menos provável. Esse processo político e o conteúdo de classe, que resulta na substituição de um governo burguês por outro, são escondidos dos explorados.

As formas e os métodos de solucionar a crise de governabilidade, utilizados pela política burguesa, se distinguem das

formas e métodos da classe operária. O que implica pôr de lado as reivindicações vitais dos explorados, no caso da frente burguesa pelo impeachment; ou defendê-las, no caso de uma frente única de combate, sob a direção da classe operária. Esse é o problema fundamental, que emerge da crise pandêmica, econômica e política. A tarefa da vanguarda com consciência de classe é a de rechaçar a via burguesa oposicionista, e erguer a via proletária, revolucionária.

O Partido Operário Revolucionário não participa da frente ampla constituída pelo PT, PSOL, PSB, PDT, correntes de esquerda, burocracia sindical, etc. Mas, participa da manifestação convocada contra o governo Bolsonaro, militarista, fascistizante e obscurantista. Defende e trabalha pela organização de um movimento nacional de frente única, em defesa do programa de reivindicações dos explorados, e derrubada do governo burguês, pelos métodos e estratégia da classe operária. Vincula as reivindicações vitais com a bandeira de “Abaixo o governo de Bolsonaro”. Coloca-se no movimento de frente única contra Bolsonaro, mas não apoia a via institucional burguesa do impeachment e do “Fora Bolsonaro”. Somente o proletariado e a maioria oprimida podem acabar com esse governo, sem se submeter ao Congresso Nacional, e a todo o aparato do Estado burguês. Eis por que não apenas luta sob a bandeira de “Abaixo o governo de Bolsonaro”, como sob a bandeira de derrubar a burguesia do poder, e constituir um governo operário e camponês, expressão governamental da revolução e ditadura proletárias.

***Trabalhadores e juventude oprimida, lutemos  
sob a política e a estratégia revolucionária  
do proletariado!***

***Em defesa de um plano de emergência próprio  
dos explorados!***

***Convocar assembleias em todos os sindicatos!***

***Constituir comitês de unidade entre empregados  
e desempregados!***

***Abaixo o governo burguês de Bolsonaro!***

***Por um governo operário e camponês, expressão  
da revolução e ditadura proletárias!***



## **Por que o quarto ato pró-democracia foi mais fraco que o anterior?**

*Massas 613, 5 de julho de 2020*

No domingo, dia 28/06, ocorreu o quarto ato pró-democracia, em frente ao Masp, na capital paulistana. A manifestação contou com menos pessoas, comparada com a anterior, do dia 14. Provavelmente, uma conjunção de fatores contribuiu para a redução, porém, uma das explicações certamente está no problema do veto imposto às bandeiras dos partidos. Não participamos da reunião de preparação, pois, não houve divulgação da mesma. Contudo, o informe que recebemos do próprio grupo organizador do ato, ligado às torcidas de futebol, quando já estávamos na Avenida Paulista, foi o de que havia sido aprovada uma resolução com esse conteúdo na reunião.

Sendo assim, fomos questionados se aceitávamos baixar nossas bandeiras. Dissemos que sequer havíamos participado da reunião e que não fazia sentido a resolução, sendo, inclusive, um contrassenso. Afinal, como poderia um ato “pró-democracia” proibir as organizações políticas do campo dos explorados de levantarem suas bandeiras? Não concordamos, não baixamos, e não o faremos.

Cabe ainda responder ao argumento que nos foi apresentado pelo representante das torcidas. A justificativa seria a de que as bandeiras “afastam” as pessoas. Segundo o membro da organização, em outro momento, posteriormente, até caberia “liberar” as bandeiras, todavia, como nos encontrávamos ainda numa etapa de crescimento das manifestações, não seria adequado levantá-las. Chegou a dizer que as faixas estavam “autorizadas”, as bandeiras não. Quanta confusão!

É possível que a grande repercussão na mídia gerada pela faixa do POR, no dia 14, que trazia a defesa da revolução e ditadura proletárias, tenha pesado nesse sentido, uma vez que a burguesia, e os bolsonaristas em particular, se aproveitaram desse elemento para fazer alvoroço e deslegitimar a manifestação.

Como se vê, há um profundo equívoco sobre a questão da disposição de luta das massas, refletindo o atraso político da direção do movimento. Chega a ser ingênua a explicação de

que as massas não têm atendido o chamado à luta em defesa da “Democracia” pelo motivo alegado. Provavelmente, o problema real nem esteja aí, sendo que, no fundo, deve haver uma enorme pressão conservadora oriunda das bases dessas torcidas organizadas.

O verdadeiro nó da questão está na crise de direção revolucionária, que é um fenômeno histórico-mundial. As massas oprimidas e exploradas desconfiam das suas direções, pois, os principais sindicatos, centrais e demais entidades se encontram controladas por camarilhas burocráticas traidoras. Agora, por exemplo, em plena crise econômica-sanitária, os sindicatos se encontram completamente inertes, permitindo à burguesia avançar livremente sobre os direitos dos assalariados, e descarregar o ônus da crise sobre os ombros da maioria explorada.

Um problema de tal magnitude obviamente não será resolvido por uma medida administrativa, além disso, profundamente antidemocrática, como a proibição das bandeiras. Nossa resposta é: não acataremos a resolução, e defendemos que o melhor caminho para mobilizar os trabalhadores e a juventude é levantar as consignas mais sentidas, de defesa dos empregos, salários, direitos e, nesse período de pandemia, da saúde pública e de um plano de emergência. O que unifica os explorados são as reivindicações, que correspondem às suas necessidades objetivas. É preciso exigir das direções que convoquem as assembleias, ergam os comitês, e organizem o combate classista.

Vale ainda uma última consideração sobre a resposta dos partidos e organizações de esquerda diante do imbróglio das bandeiras. A imensa maioria decidiu simplesmente abandonar a luta, enviando um ou outro observador, numa atitude capituladora diante da imposição antidemocrática. Claro está que, como dissemos antes, concorreram para a desistência das correntes outros fatores, entre eles, o fato de que só participaram das três ações anteriores a contragosto, pois, vinham de uma defesa ferrenha da política burguesa do isolamento social.

O PCO compareceu numa posição intermediária. Esta organização participou da referida reunião preparatória, tendo denunciado durante a semana, em sua imprensa, que havia

sido ameaçada, caso levantasse as suas bandeiras. A medida que tomou, frente à ameaça, foi se apresentar com um bloco separado, numa espécie de ato paralelo.

O POR não se isolou, nem se curvou diante das imposições. Compareceu com a bandeira de “Abaixo o governo Bolsonaro”. Levou a faixa em defesa da ditadura do proletariado, além de outros materiais de propaganda, nos quais figurava uma linha política centrada na necessidade de mobilizar massas, tomando como ponto de partida a luta pelas bandeiras mais sentidas, sem deixar de assinalar a perspectiva estratégica do proletariado, que é a tomada do poder pela via revolucionária, e a instauração de um governo operário e camponês.

## **Debate sobre a democracia e ditadura proletária: política reformista e política proletária revolucionária**

*Massas 613, 5 de julho de 2020*

Aconteceu, no dia 30 de junho, um debate virtual, chamado pelo Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional (SINASEFE), seção São Paulo, com o tema “Democracia e Ditadura do proletariado”. Ressaltamos a importância de o sindicato ter promovido o debate, motivado pela projeção nacional da bandeira do POR, na manifestação de 14 de junho, com os seguintes dizeres “Em defesa da revolução e ditadura proletária”. Três professores do IFSP foram chamados, um militante porista, um do PSOL e uma professora independente que atua no sindicato. O vídeo do debate se encontra disponível nos canais do Sinasefe-SP, no youtube e facebook.

Apresentaremos, aqui, apenas as principais divergências políticas apresentadas pelos debatedores, sem nos deter sobre alguns ataques pessoais e impropérios proferidos pelo militante do PSOL, Valério Arcary.

Ainda que o debate tivesse como mote a bandeira estratégica porista de revolução e ditadura proletárias, a essência ficou em torno das formulações táticas, análises de conjuntura e as bandeiras que devem ser levantadas pelo movimento de massa, nomeadamente o “Fora Bolsonaro” e “Impeachment”.

Abrimos o debate com uma frase de Lênin que diz que

“somente é marxista aqueles que estendem o reconhecimento da luta de classes ao reconhecimento da ditadura do proletariado”, e ainda podemos complementar aqui, com outra formulação extraída de seu *Contribuição a história do problema da ditadura*, que diz, “Quem não compreendeu a necessidade da ditadura de toda classe revolucionária para assegurar sua vitória, não compreendeu nada da história das revoluções ou nada quer saber sobre isso”. Mostramos que a questão da ditadura do proletariado é, essencialmente, uma consequência direta do reconhecimento da luta de classes, e uma necessidade para se manter as conquistas da revolução, ou seja, um problema não apenas teórico, mas essencialmente prático. Neste sentido, como um problema prático, nos cabia mostrar que o POR não levantou esta bandeira, na manifestação, descolada da realidade, ou seja, descolada dos problemas imediatos da classe operária e demais oprimidos. Mostramos isso no debate, quando dissemos que, em todas as manifestações de rua deste período, apenas o POR tem levado suas bandeiras e palavras de ordem em defesa do emprego, salário e condições de vida das massas. Especialmente, na referida manifestação, levávamos cartazes de defesa dos operários da fábrica Kostal, que está com ameaça de demissão de 300 trabalhadores. Em uma palavra, como um partido marxista-leninista-trotskista, cabe defender as reivindicações mais sentidas das massas exploradas na medida em que levam a se chocar com o poder econômico, a burguesia de conjunto. O movimento pela democracia e impeachment e Fora Bolsonaro desconhece completamente as necessidades elementares dos explorados. É neste contexto que a bandeira de revolução e ditadura proletárias despertou a atenção da imprensa burguesa, e serviu de motivo para os ataques dos bolsonaristas.

O militante do PSOL fez sua análise de conjuntura e expressou claramente que a tarefa principal do movimento, neste momento, é lutar pela remoção de Bolsonaro, através do impeachment. No afã desta defesa, concluiu sua análise de conjuntura associando o impeachment a um suposto conteúdo revolucionário de derrubada do governo, “Portanto a tarefa da esquerda era ir às ruas dizer que, para salvar vidas, para garantir empregos, para defender os direitos sociais, é

*necessário derrubar Bolsonaro. É necessária uma mobilização política que tem um conteúdo revolucionário, que é derrubar governo. E a forma de concretizá-lo é a tática do impeachment”.*

O militante psolista precisa, antes de mais nada, decidir se a mobilização de massas nas ruas é ou não a tática correta neste momento. Nesta passagem a defende, em outra, a nega veementemente por conta do risco do contágio e, no final, retorna com a ideia de que para o processo de impeachment ir para frente é necessário uma *“mobilização majestosa, poderosa, colossal, por baixo”*, para conseguir *“uma maioria dentro de um congresso nacional onde a representação é das grandes bancadas ligadas ao empresariado e à bancada do latifúndio, a bancada dos banqueiros...”*.

E ainda retornou, em outro momento, com a seguinte posição: *“não podemos confiar que o Congresso e o Supremo Tribunal serão trincheiras suficiente para deter Bolsonaro, muito menos para derrubá-lo, sem uma mobilização em grande escala num patamar realmente histórico, monumental, de milhões de pessoas nas ruas..., não será possível que uma maioria de deputados, que obedece aos interesses da avenida Paulista e da avenida Faria Lima..., aceite a votação do impeachment”*.

Para além da dúvida de Arcary, se se deve ou não mobilizar nas ruas, fica patente a defesa incondicional da *“bandeira central que é o impeachment e o Fora Bolsonaro, para que os negros não continuem sendo assassinados nas periferias, para que não morram mais jovens, como João Pedro, e impeachment para poder vencer a pandemia e ter uma coordenação nacional, que tenha como prioridade salvar vidas e não salvar os negócios dos grandes capitalistas...”*. Esta frase reflete o profundo oportunismo do reformismo, que, para iludir as massas, associa a derrubada do governo fascistizante de Bolsonaro com o fim da matança dos jovens negros nas favelas, o fim da pandemia, etc. Uma impostura! Como se o extermínio da população preta e pobre tivesse começado com a eleição de Bolsonaro, em 2018. Como se esta não fosse uma das consequências mais claras da decomposição e barbárie capitalista. Com essa retórica oportunista, Valério Arcary mostra que de marxista não tem nada, e se encontra perdido em suas análises metafísicas sobre a crise econômica e política.

Respondemos, prontamente, que o impeachment é um instrumento burguês antidemocrático de solução da crise de governabilidade. Que a decisão se o processo deve prosseguir no parlamento cabe exclusivamente ao poder econômico (a burguesia), e seus representantes corruptos e corrompidos da Câmara e Senado. Não se trata de um instrumento dos trabalhadores, como quis fazer parecer Arcary. O Fora Bolsonaro tem como objetivo o desgaste eleitoral do governo. Desgaste este que pode ser capitalizado pelas esquerdas, adaptadas ao jogo eleitoral, em 2022. Por outro lado, o Fora Bolsonaro aponta para a saída institucional, o impedimento. Por aí, as massas não passam de joguete na disputa interburguesa em torno à governabilidade.

Concordamos com a necessidade de se derrubar o governo militarista, fascistizante e ultraliberal, mas pelas mãos da classe operária e demais explorados, pela ação e política da classe operária. Sendo assim, a tarefa colocada é a de organizar os trabalhadores em seu retorno ao trabalho, convocar as assembleias para discutir e criar um plano próprio de emergência, onde uma das tarefas é o combate ao governo miliciano. Com independência de classe, um plano próprio de emergência levantado pelos trabalhadores, e com seu método próprio de luta, é que será possível pôr abaixo o governo Bolsonaro.

Outro ponto que se destacou no debate foi o desconhecimento de Arcary em relação à política burguesa do isolamento social. O POR vem caracterizando, desde março, a política burguesa diante da pandemia, em oposição ao método científico do isolamento social. Este último não pode ser aplicado no capitalismo. Desta forma, apontamos o erro das esquerdas em cancelar o dia 18 de março, Dia Nacional de Lutas, deixando passar a melhor oportunidade para que os explorados se colocassem por uma resposta e um plano de emergência próprios. E não se submetessem como carneiros à política burguesa do isolamento social. A resposta de Arcary foi, *“Estamos numa situação reacionária, reacionária. E você defendendo que temos que chamar as massas as ruas em plena pandemia... dizendo que o risco do vírus é menor do que o risco de morrer de fome está equivocado... o risco de morrer com vírus é real e imediato. E, portanto, não havia nenhuma*

*condição de chamar as massas no 18 de março às ruas... era uma irresponsabilidade política*". O que a política vulgar e temerosa do reformismo não expressa – curiosamente não são capazes de fazer sequer uma análise a posteriori – é que as massas estão nas ruas. Sejam massacradas nos transportes, sejam nas ruas para trabalhar, sejam nas ruas para se manifestar, no Brasil, nos Estados Unidos, e em muitas partes do mundo. Os reformistas não querem ver que a volta às ruas, agora, é infinitamente mais perigosa que em 18 de março, mas, mesmo assim, estão voltando a se manifestar, afinal, não se trata de vontades subjetivas das pessoas, e sim de necessidades concretas. Dessa forma, a irresponsabilidade política é compactuar com a política burguesa do isolamento social, se retirar da luta para enveredar no assistencialismo, colaborar com a aplicação da MP 936, aceitar passivamente as demissões, comemorar a miséria dos R\$ 600,00, que, segundo Arcary, foi uma vitória da oposição no parlamento.

A chamada "tática do impeachment" e mobilizações que o reformismo impulsiona, como as campanhas virtuais de "twitaços", "panelaços", etc., tem como pano de fundo uma profunda descrença na capacidade dos trabalhadores de lutarem por seus direitos, com seus métodos próprios. Neste sentido, mostramos, no Jornal Massas 612, a ideia equivocada de outro militante do PSOL, da mesma corrente que Valério Arcary, de que a bandeira de revolução e ditadura proletárias é "incompreensível para os trabalhadores". Desta vez, a variante da mesma ideia foi, "*só com milhões nas ruas e a mobilização de milhões mesmo, que seja por uma bandeira limitada que é o impeachment, mas é aquela que pode chegar ao nível de consciência das massas, porque já foi usada no passado, teria um impacto extraordinário na situação...*". Além da evidente confusão sobre ir ou não às ruas, Arcary insistiu que o impeachment, por já ter sido usado, é o que pode chegar à compreensão das massas. O psolista está errado do começo ao fim. Pode ser, provavelmente, o nível de consciência dos oportunistas, que se valem da paralisia da classe operária e das ilusões de camadas da pequena burguesia no PT, PSOL, etc. A essa outra impostura respondemos que nada é incompreensível para as massas, se não entendem imediatamente,

é dever dos revolucionários explicar pacientemente, quantas vezes forem necessárias. Como dissemos, o operário e os demais trabalhadores estão muito mais aptos a compreender a política proletária, revolucionária e marxista, muito mais que os acadêmicos de esquerda, inclusive, isso porque sentem na pele a opressão e a brutal exploração do trabalho, e aspiram a mudança de sua situação concreta.

O essencial do debate se concentrou na diferença entre a posição pequeno-burguesa reformista e a proletária revolucionária. Nesse sentido, avaliamos como muito positiva a discussão em torno à bandeira da revolução e ditadura proletárias. Arcary, no entanto, aproveitou a condição de ser o último a se pronunciar, para obscurecer a essência de sua divergência com o POR. Mostrou-se irado com a crítica que fizemos ao academicismo de esquerda. Recorreu a generalidades sobre sua longa biografia de militante trotskista. Certamente, sabia que não se tratava, de nossa parte, de um ataque pessoal. Os marxistas entendem que o indivíduo colocado na condição de defensor de uma posição não expressa apenas o que pensa, mas, principalmente, a política de sua organização. Havíamos mostrado que é longa e rica a discussão entre os marxistas e revisionistas sobre a teoria e a prática da estratégia revolucionária do proletariado. Ao nos referirmos ao reformismo e academicismo, respondendo à caracterização de ultraesquerdismo, estávamos expressando uma crítica política, deixando claro que não se tratava de um debate novo. Marx, Engels, Lênin, Trotsky tiveram de travar o debate sobre a ditadura do proletariado contra os seus opositores, prodhonianos, lassalianos, bernsteinianos, kautskyanos, anarquistas, mencheviques etc. Cada um a seu tempo e a seu modo, se colocou contra a ditadura do proletariado. Mas a prepotência do pequeno-burguês não permitiu a Valério Arcary concluir o debate nos marcos da política, tratou então de enveredar pelo argumento *ad hominem* e de autoridade, finalizando com o destempero. De nossa parte, constatamos a confirmação de que os ataques da imprensa e dos bolsonaristas refletiram a enorme importância da luta dos marxista-leninista-trotskista por trabalhar no seio da classe operária e dos movimentos pelo entendimento do programa da revolução e da estraté-



gia da ditadura do proletariado. Esperamos que desperte na vanguarda a necessidade de construir o POR como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista.

## **Transcrição do debate sobre a bandeira “Em defesa da revolução e ditadura proletárias”**

*Massas 613, 5 de julho de 2020*

Por motivo de espaço, não pudemos transcrever a totalidade da discussão realizada entre Osvaldo, Valério e Patrícia. O leitor poderá verificar na íntegra, bastando consultar o site do Sinasefe.

\*\*\*

Bom, primeiro, quero agradecer ao Sinasefe pelo convite, por ter tido a coragem de fazer este debate. Importante ressaltar isso porque, por um lado, existiu uma amplitude de divulgação e, por outro lado, um silêncio das organizações, sindicatos etc. E o Sinasefe teve a coragem de colocar este debate, para explicar e justamente esclarecer algumas coisas.

Cumprimento os colegas que estão compondo este debate, Valério e Patrícia e Helen, e Samanta, pela tradução [LIBRAS].

Bom, ainda complementando um pouquinho este informe que você deu, logo depois que a Globo fez esta apresentação. Inclusive a matéria tem uma série de erros, por exemplo, falou que o partido operário estava extinto, o que não é verdade. O POR tem 30 anos, aqui no Brasil, está “vivão e vivendo”, “firme e forte”. Falou também que era inconstitucional, enfim, uma série de erros que a gente sabe de onde vêm, pelo menos inicialmente, eles fizeram uma pesquisa de Wikipédia. A Globo fez uma pesquisa de wikipédia, pegou lá as informações de um partido extinto, que se chama Partido Operário Revolucionário Trotskista, este de fato foi extinto, tem outra orientação inclusive. Mas esses erros se reproduziram, mantiveram o erro à noite no Fantástico; de manhã, no Bom dia Brasil; depois, no Jornal Hoje; então, não é uma questão de pressa. Eles mantiveram o erro por certas intenções. Mantiveram os erros.

A partir disso, Flávio Bolsonaro tirou um print da Globo, neste momento em que, na legenda, aparece ato pela democracia, e, na faixa, aparece “Em defesa da revolução e dita-

dura proletárias”. E aí ele divulga em sua rede, criando uma clara Fake News, que é um padrão do bolsonarismo, dizendo que a Globo estava apoiando a ditadura do proletariado. Uma coisa tão absurda, que só os bolsonaristas para acreditar. Mas, a partir daí, outros vão seguir, Carlos Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Carla Zambeli, Artur Weintraub, uma série de bolsonaristas compartilham. Se você somar esta imagem, foi compartilhada mais de 40 mil vezes. Então, isso teve uma projeção nacional. Não só ficou neste âmbito, inclusive, no dia seguinte, na declaração diária de Doria, foi obrigado a citar. E foi obrigado a falar na ditadura do proletariado, é óbvio que criticando, e a gente não esperava nada diferente do Doria, mas ele foi obrigado a falar que não ia ter, nem ditadura militar, nem ditadura proletária, ou seja, fez referência à nossa bandeira. Então, este é o imbróglio todo. E, diante de tudo isso, a gente teve a surpresa, já que, do bolsonarismo, isso é comum, agora, no campo das esquerdas houve um silêncio, o que é estranho. Estranha muito porque, diante de um ataque a uma bandeira marxista, uma bandeira revolucionária, proletária, a esquerda, de maneira geral, ficou em silêncio. Para fazer justiça, o PCO fez uma nota, ainda que incompleta em alguns conteúdos, e ficou por isso. Até onde eu tenho conhecimento dos outros partidos de esquerda.

Então, esse foi o cenário, vale a pena, agora, entrar nas discussões específicas deste conceito, para a gente entender por que o POR levantou essa bandeira, e não foi a primeira vez, uma vez que a gente levanta em todas as manifestações, de uma forma ou de outra, além de outras bandeiras, que vou falar mais à frente.

Lênin tem uma frase que é mais ou menos o seguinte, *“somente é marxista aqueles que estendem o reconhecimento da luta de classes para o reconhecimento da ditadura do proletariado”*. Acho que é bom destrinchar esta frase. É uma frase que faz bastante sentido.

Existe um processo curioso no campo das esquerdas, que consiste em extrair do marxismo os elementos mais francamente revolucionários, e se manter no marxismo. Esse movimento de extração acontece em amplos setores, principalmente no reformismo, nos partidos que se reivindicam das

reformas e não da revolução, nos oportunistas, estalinistas, acadêmicos, que fazem muito isso, que fragmentam o marxismo. Criam, inclusive, termos, como “marxista” por “marxiano”, o que eles chamam de “marx político”, “marx econômico”. Enfim, criam uma fragmentação para tirar os elementos revolucionários, e manter os elementos que não entram em choque com a burguesia. Então, eles mantêm, deformam, é claro. O marxismo tem uma ideia de totalidade (...).

Mas, esse debate sobre a deformação do marxismo, ou da negação da ditadura do proletariado, vem tanto do campo dos liberais como do campo do reformismo... esse debate não é novo. É um debate antigo, um debate que os grandes revolucionários da história tiveram de enfrentar, cada um na sua época. Marx, Engels, Lênin, Trotsky tiveram de enfrentar este debate, com seus respectivos opositores. Os proudhonistas, lassalianos, bernsteinianos, kautskistas, anarquistas, mencheviques, todos eles, de uma forma ou de outra, negaram a ditadura do proletariado. Alguns deles ainda mantiveram a ideia da revolução, sem a ideia da ditadura do proletariado. O que falta explicar é como é possível fazer uma revolução, e manter esta revolução, sem uma contraofensiva da burguesia, para retomar o seu poder.

Então, a questão principal que fica é a seguinte: não existe democracia, nem ditadura pura, abstrata, fora das classes, como se estivesse pairando no ar, por cima das classes. (..) Democracia e ditadura são conceitos que vem com a classe. A gente vive numa sociedade de classes, então a democracia é operária, proletária, ou é burguesa. (..) O que a gente vive, hoje, é essencialmente a ditadura de classe da burguesia. Mascarada de democracia, ou seja, a democracia é uma forma de regime estabelecido, poderia ser outro, como o regime militar, uma ditadura militar, uma ditadura bonapartista. Mas todas essas formas estão inclusas na ditadura de classes da burguesia. Não existe essa democracia em abstrato.

Então, as manifestações, que têm defendido a democracia, levantando a bandeira de forma abstrata, não colocam que a gente vive sob uma ditadura de classe. E aí a gente entende que uma parte desses grupos, que defendem esta democracia de forma abstrata, têm interesses políticos muito específicos, têm inte-

resse eleitoral, interesse de desgaste do governo, para poder capitalizar nas próximas eleições. E, percebendo esse movimento, o POR levantou a bandeira da revolução e ditadura proletárias, como forma de denunciar a democracia burguesa. Denunciar a ditadura de classe da burguesia, sob a qual vivemos.

A democracia, que a gente vive hoje, é uma democracia fraturada, é uma democracia amputada, não é uma democracia de verdade. A democracia que a gente vive é uma democracia controlada pelos grandes organismos internacionais, controlada pelos monopólios, controlada pela burguesia. A burguesia é que decide, quem é que fica, e quem é que sai do governo. Inclusive, tem todo um movimento de impeachment, agora, que é um instrumento da oposição ao governo, portanto, um instrumento burguês. Quem decide o impeachment, além dos parlamentares, do parlamento corrupto, é a burguesia. A burguesia decide se abre ou não o processo de impeachment. Isso é o que não está posto neste debate.

Vou encerrar este primeiro bloco, depois trago outros elementos, mas o importante é isso: o que a gente vive hoje é uma ditadura de classe da burguesia. Então, quem manda de fato, quem controla o poder econômico, quem controla as decisões, não são as pessoas que vão votar de quatro em quatro anos, trocando um governo que não gosto por um governo que, talvez, venha a gostar. Não é isso? O que está posto é que quem decide, de fato, é a burguesia, e isso não está sendo colocado neste movimento pela democracia.

*Observação: em seguida, Valério e Patrícia fizeram suas considerações, contrapondo-se às posições do militante do POR, que as respondeu. A última palavra coube a Valério.*

## ***Segundo bloco***

**Certo**, eu vou fazer um comentário geral que vai abarcar um ou vários deles [comentários feitos pelo público]. Começo, principalmente, pelo do Caetano, mas abarca todos: o reconhecimento da luta de classes, e isso toda a esquerda reconhece, implica necessariamente uma independência de classe nesse processo de luta, e aí essa condição já não é assumida por toda a esquerda, ou seja, a independência de

classe. O exemplo da pandemia é fundamental para entender isso, aliás os grandes eventos são os melhores para se testar a militância, testar as organizações, testar os partidos, movimentos, etc. Grandes eventos, aos que me refiro, são os grandes eventos da luta de classe: as guerras, as pandemias, as grandes crises, todos têm em comum uma ampla destruição de forças produtivas: demissão em massa, morte em massa, desemprego galopante, corte de salário, miséria e fome exacerbadas. Percebam que, como falei, todos têm isso em comum. A pandemia é um destes grandes eventos. Ela acabou servindo para testar a militância, para testar as organizações de massa, e as organizações no geral.

O que aconteceu no processo da pandemia, assim que foi decretada? Todas as organizações, que jogam no campo burguês, que atuam no parlamento etc., e mesmo outras que não atuam, que estão no campo da esquerda, se enveredaram, de forma direta e não crítica, pela política burguesa do isolamento social. Até onde eu tenho conhecimento, até onde nós temos conhecimento, só o POR fez esta diferenciação, fez a separação que existe entre o método científico do isolamento social – esse método é correto – e a política burguesa do isolamento social. O método científico do isolamento social não é aplicável na sociedade de classe. Sem um plano próprio de emergência (da classe operária), e isso não aconteceu, (não era possível a luta organizada).

Todos enveredaram pela política burguesa do “fique em casa”, sem que antes tivessem organizado os trabalhadores para resistir. Isso se concretiza, isso que estou falando aqui se concretiza, de maneira muito clara, no cancelamento do dia 18 de março, chamado como um Dia Nacional de Lutas. Era um dia que podia servir para organizar os trabalhadores a resistir ao plano burguês do isolamento social, e para impor um plano próprio, com independência de classe, isso não aconteceu. As esquerdas em geral cancelaram o dia 18, fecharam as portas dos sindicatos, se refugiaram nas redes sociais, no mundo virtual, e abandonaram os trabalhadores.

Que significa, então, a política burguesa do isolamento social? Significa separar os trabalhadores, uma parte segue na produção, se contaminando, sem condições de trabalho,

sem condições de transportes, sem hospitais, etc., e outra parte fica em casa, só que com os salários cortados, seu emprego ceifado. A medida provisória 936 está aí para mostrar que a aplicação da política burguesa é o que determinou o encaminhamento do processo. Podemos citar várias outras medidas que foram aplicadas. É importante lembrar que essas medidas têm em comum Bolsonaro, governadores, o parlamento, o STF – todos juntos! Criou-se uma farsa de que o Bolsonaro era o inimigo comum, e que os outros estavam numa posição democratizante (a exemplo de Doria), numa posição pela vida. Isso é falso do começo ao fim. A MP 936 foi e está sendo um massacre aos trabalhadores. E nós apontamos lá em março, e está disponível em nosso material – é só consultar –, lá em março, nós apontamos: é preciso um plano próprio de emergência. Aí alguém pode falar “*ah, mas todas as esquerdas levantaram um plano próprio. Você pode ir lá no site do PSOL, PCB, PCdoB, PSTU, etc.*”, mas, qual o método para conquistar esse plano próprio, se todos estão em casa? Os trabalhadores estão fora da produção, e não podem se organizar. O momento era o começo (da pandemia). A esquerda não percebeu que existia um plano para despejar a crise econômica, inclusive o ministro do meio ambiente colocou isso verbalmente, “*aproveitar a pandemia para passar a boiada*”. Isso estava claro já em março, só que a esquerda não percebeu, e acatou passivamente o método burguês, o plano burguês, do isolamento social. Esse foi um crime grave das esquerdas nesse momento.

Então, foi levantada a bandeira (de “Fora Bolsonaro”) como única solução para a esquerda democratizante, para a esquerda reformista. (...). E qual o método para o “Fora Bolsonaro”? O impeachment. Nós criticamos, sim, esse método, criticamos, sim, essas bandeiras. Por quê?

Em primeiro lugar, inclusive no comentário (anterior) já fiz essa crítica. A palavra de ordem por si só não resolve. O “Fora Temer” está aí para mostrar que um governo com 5% de aprovação, por mais que tenha sido repetido o “Fora Temer”, (o governo) não caiu. E por que não caiu? Porque não era do interesse da burguesia! Acabamos de falar, o que é a ditadura de classe da burguesia (refletida nessa) democra-

cia. Não era interesse, por mais claro que estava a sujeira do Temer, o acordo com o Joesley e tudo mais... o parlamento simplesmente limpou a barra do Temer. Agora vamos voltar um pouco mais, o impeachment da Dilma, que depois, ficou demonstrado, não ter nada de pedalada, não tinha coisa nenhuma, um impeachment forjado, mas ali tinha interesse da burguesia. Então, quando tem interesse da burguesia, eles retiram um governo eleito, e, se não tem interesse, eles não retiram, por mais que se repetisse “Fora Temer”, “Fora Temer”, (e se repita) “Fora Bolsonaro”.

O impeachment é um instrumento burguês que retira o voto (que cassa o voto popular). *“Você está falando então que não tem de ter impeachment, que não tem de derrubar Bolsonaro?”* De forma nenhuma! É óbvio que tem de derrubar Bolsonaro, só que tem de derrubar Bolsonaro com os métodos próprios dos trabalhadores, com organização própria do trabalhador. Então, qual é a tarefa no momento?

A tarefa do momento não é simplesmente sair levantando o impeachment, inclusive o PSOL criou recentemente uma ficção: “impeachment popular”. Isso não existe em lugar nenhum! Mas, criou essa ficção, esse nome “impeachment popular”. Não é o povo que vai tirar Bolsonaro, quem vai tirar é o parlamento corrupto, burguês, que a gente conhece. Então, não existe impeachment popular.

Qual é o método correto? O método correto, nesse momento, é organizar os trabalhadores que estão retornando ao trabalho, levantar um movimento de trabalhadores, fazendo as assembleias, levantando as suas reivindicações, em todos os locais de trabalho, os estudantes, em todos os locais de estudo, organizando os trabalhadores para criar um plano próprio de emergência, e o método para conseguir esse plano. Qual é o método? O método da classe operária. É o método da ação direta, é o método da rua, dos trabalhadores em choque com o governo. Por isso, falamos em todas as manifestações “Abaixo o governo Bolsonaro”, mas abaixo o governo Bolsonaro com os métodos da classe operária. Não dá para usar o método burguês para tirar o governo que está atacando os trabalhadores. É um erro, é um erro violento que a esquerda está cometendo agora, que boa parte das esquerdas, incluindo a esquerda que

se reivindica do socialismo, do marxismo, do trotskismo, como o PSTU, que está correndo atrás dos outros, correndo atrás, numa frente que se coloca pelo impeachment.

Então, a análise completa é: a falta de independência de classe durante a pandemia é o que expôs de maneira brutal as esquerdas. Como eu falei, os grandes eventos testam as esquerdas, e as esquerdas foram testadas na pandemia, e elas foram reprovadas! Nenhuma levantou o movimento de trabalhadores. Gostaria até de lembrar aqui que a última live de que participei, do Sinasefe, foi uma live sobre a juventude, na terça-feira, do dia 26 do mês passado, e teve uma polêmica naquela live. A polêmica foi que nós defendemos que os trabalhadores estavam se movimentando e deveríamos apoiar que eles fossem para ruas. As duas organizações que participaram desta live, que fizeram o debate com a gente, uma moça que é próxima ao PSOL ou filiada ao PSOL, e a outra moça que é da UP, da Unidade Popular, ambas falaram que não, que estava errado levantar manifestações naquele dia, naquele momento. Nossa análise não é uma análise de orelhada, é uma análise concreta, baseada nos fatos. O que aconteceu naquele dia, terça-feira, dia 26, na mesma noite, levantaram manifestações lá nos EUA, com relação à morte de George Floyd, na mesma noite. Ao longo da semana, foram explodindo manifestações pelo mundo e, no domingo seguinte, começaram as manifestações aqui, no Brasil, no domingo seguinte! Então, estávamos corretos em nossa análise, era necessário ir às ruas... ainda que tenha o risco, o risco existe sim! Só que a gente está morrendo, morrendo pelas mãos da polícia, que entra nas casas, na favela e mata, a gente tá morrendo pelo vírus, e o método burguês do isolamento social continua sendo aplicado, continua passando a boiada!

É só na rua, com o método próprio, com organização própria dos trabalhadores, que é possível combater este governo. Nós dizemos, sim, “Abaixo o governo Bolsonaro”, mas, antes, os sindicatos precisam organizar os trabalhadores, precisam chamar as assembleias, e levantar um plano próprio de emergência, e o método que vai derrubar esse governo. É assim que se derruba um governo, não é usando o método da burguesia, usando o impeachment, que é o método falido, que



só vai para frente se a burguesia quiser. E pode até sair para colocar o Mourão no lugar, é um tiro no pé, que a esquerda está dando, e fazemos questão de dizer.

Para concluir de fato, desculpa, é importante perceber que nós, ao levantar a bandeira da ditadura do proletariado, não levantando essa bandeira de maneira aleatória e extemporânea, de forma nenhuma. O que até parece piada, não é? O que a Globo não mostra, o que a Globo não mostrou, foram as outras bandeiras que estavam em volta de nós. Que estávamos levantando, que era por emprego, por salário, em defesa dos empregos, nenhuma demissão, em defesa dos salários, nenhum corte, inclusive com um cartaz defendendo a Kostal... os trabalhadores da fábrica Kostal, os operários da fábrica Kostal, que naquela semana estavam sendo demitidos, por causa do fechamento da fábrica no ABC. A única organização que estava naquela manifestação, defendendo emprego, defendendo o salário, e levantando as reivindicações do proletariado, era o POR!

E só para debater com a companheira Patrícia, está correto Patrícia, que temos de olhar para o Programa de Transição. O Programa de Transição fala o quê? Vincular as necessidades imediatas e mais sentidas dos trabalhadores com a luta pela tomada do poder. É isso que o POR está fazendo.

### ***Terceiro Bloco***

Vou aproveitar para agradecer antes, para não ficar para o final... que eu sei que não vai dar tempo... agradecer o convite, os participantes do debate, e a Helen e Samanta pela tradução.

Primeiro esclarecer algumas coisas que o Valério colocou... não foi quarentena burguesa e quarentena proletária que a gente falou, mas eu recomendo a leitura do nosso material, isso está expresso nos nossos materiais. O que eu falei é que existe a política burguesa do isolamento social, que é a de despejar a crise em cima dos trabalhadores, não dar condição e não dar assistência para que essa crise fosse superada, e o método científico de isolamento social (defendido). Quando fazemos a crítica à política burguesa do isolamento social, fica parecendo que estamos contra o isolamento, mas não. É

que o método científico não pode ser aplicado numa sociedade de classes, sem um plano próprio de emergência (da classe operária), é só isso.

Agora, o outro comentário que eu acho curioso. O Valério falar que essas posições, que a posição revolucionária é uma posição ingênua. Acho curioso porque, no fundo, quem atua nas organizações reformistas faz esse tipo de discurso contrário aos revolucionários, não é de hoje, fazem há pelo menos 150 anos. É sempre colocado o revolucionário, aquele que está na defesa da revolução, o que não significa que ele está louco, achando que a revolução vai acontecer agora, amanhã, mas significa que ele não abandona as bandeiras revolucionárias em nenhum momento, mas, principalmente, no momento da luta de classes acirrada, como esse.

Este é o momento em que deveria ser o menos estranho para o reformismo. Estamos levantando a bandeira da revolução, porque é o momento da luta de classe mais acirrada, como eu já mostrei, como eu já falei, com ampla destruição da força produtiva, etc. Mas, esse movimento de colocar os revolucionários como ingênuos, utópicos, inconsequentes, tem uma série de termos, não é novo.

Então, qualquer discussão, qualquer leitura do texto do Lênin, Marx, os reformistas vão responder justamente com esses mesmos argumentos de que o revolucionário está fora da realidade e, como reformistas (dirão) que estão dentro da realidade, afinal estão defendendo a saída parlamentar, que é a única possível. Mas, não é a única possível. Na verdade, é a única que você [Valério Arcary] acredita, a única que eles [os reformistas] acreditam. Eles não acreditam na revolução, não acreditam na ditadura proletária, não na prática. Até acreditam na teoria, o academicismo faz isso, acredita, mas no mundo das ideias. Mas colocar na prática...

Não adianta falar em nome da revolução proletária, se você não constrói a revolução proletária no dia-a-dia. Se você não constrói as organizações, se você não levanta essa bandeira para o trabalhador. Então, é importante, como eu falei, vinculando (a estratégia) às necessidades imediatas. Seria maluco da nossa parte, se a gente só ficasse levantando a bandeira de revolução, revolução, revolução... como eu mostrei: nas ma-

nifestações, defendemos salário e emprego, mas mostramos para o trabalhador que, na ditadura de classe da burguesia, não é possível atingir uma emancipação sem derrubar o poder da burguesia, sem derrubar o Estado da burguesia.

Todo o Estado é uma ditadura de classe, como falei no começo. Então, só para ressaltar que esse discurso do ingênuo é só uma repetição histórica de quem não defende e não acredita de fato na revolução proletária.

E o papel do sindicato, para responder e já ir caminhando para o final..., na verdade, eu já apontei... o sindicato precisa organizar os trabalhadores, o sindicato não pode estar a reboque dos trabalhadores, como aconteceu com as esquerdas em relação às manifestações. As manifestações saíram e as esquerdas tiveram de sair correndo atrás delas. Olha que loucura, ao invés das esquerdas chamarem a manifestação, elas tiveram de correr atrás, porque as torcidas organizadas, quem imaginava um negócio desse, as torcidas organizadas saíram à frente, e deixaram o sindicato para trás, deixaram as organizações de esquerda para trás, elas tiveram de correr. Inclusive correr e tomar a frente, como fez o PSOL, MTST etc., tomar a frente das manifestações e impor uma política muito rebaixada, uma política em que os partidos não podem participar.

Na manifestação de domingo passado [28/06], nós estávamos – o POR está em todas as manifestações – e foi pedido que abaixássemos as bandeiras, pelos organizadores que estão vinculados ao MTST, ao PSOL. Abaixar bandeiras, coisa que não víamos desde 2013. E fomos impedidos de falar no microfone. A justificativa foi, “partido não vai falar”. É esse o atraso político que o reformismo provoca, e culpa o trabalhador por não estar avançado o suficiente para as bandeiras revolucionárias, quando, na verdade, eles não avançam o trabalhador, não avançam a consciência de classe do trabalhador.

E eu vou finalizar com um exemplo concreto, quando surgiu o problema da bandeira, no domingo, quando surgiu todo este estardalhaço da bandeira. Alguns se solidarizaram com a gente, alguns militantes vieram conversar, mas particularmente um militante do PSOL veio, no mesmo dia, fazer coro com a Globo e atacar a gente, dizendo que “os bolcheviques nunca levantaram essa bandeira...”, um militante que hoje

é do PSOL, mas que vem do PSTU, “os *bolcheviques nunca levantaram essa bandeira porque ela é...* (tô citando textualmente) *ela é incompreensível aos trabalhadores*”. Olha isso, é esse tipo de militância, é esse tipo de posição que o reformismo traz para o movimento de massas, para a classe explorada. É esse tipo de análise “que o trabalhador não pode compreender”. E aí eu deixo a pergunta para quem está assistindo: o debate que nós fizemos aqui foi incompreensível para os trabalhadores, foi incompreensível para vocês? Pode responder, porque na minha visão e na nossa visão, nada, absolutamente nada, é incompreensível aos trabalhadores. Se eles não entendem o conceito de ditadura proletária, nós explicamos, repetimos, repetimos outras vezes, e quantas vezes forem necessárias, mas jamais vamos falar que o trabalhador é incapaz de compreender. Na verdade, em última instância, o trabalhador, o explorado, é o sujeito mais capaz de compreender a política proletária e o marxismo, mais do que qualquer acadêmico. O trabalhador é mais capaz. E por quê? Porque ele vive a exploração na pele, ele vive a exploração de fato, o acadêmico normalmente não. É outro tipo de exploração, quando tem.

Então, essa é a diferença entre a política proletária, revolucionária e a política reformista. Vão sempre colocar que não é possível, vão sempre rebaixar ou desqualificar como ingênuo, etc. O Valério falou, “o *impeachment já foi feito, então, por isso, é uma bandeira possível de se compreender pelos trabalhadores*”, e aí eu respondo: a revolução já foi feita. Então é possível de se compreender também pelos trabalhadores.

É isso, obrigado, pessoal.

## Sobre a crítica de ultraesquerdismo Resposta a Valério Arcary

*Massas 613, 5 de julho de 2020*

Ex-militante histórico do PSTU, agora integrante do PSOL, Valério Arcary, se colocou contra que o Partido Operário Revolucionário (POR) tenha levantado a bandeira que sustentava a consigna “*Pela revolução e ditadura proletárias*”, na manifestação de 14 de junho, na Av. Paulista. A crítica se limitou

a distinguir a bandeira do POR do objetivo do ato, que era o da defesa da democracia, do impeachment e o “Fora Bolsonaro”. Caracterizou de ultraesquerdismo, porque se opunha à linha do impeachment. Afirma: “*A faixa na Paulista parece ingênua, mas não é inofensiva. Há vários grupos na esquerda brasileira que se opõem à campanha pelo Fora Bolsonaro e, em especial, são hostis à defesa da tática do impeachment*”. Procurou desqualificar o POR e sua bandeira como um episódio desproporcional, e a intervenção do partido como “*iniciativa minoritária e paralela ao objeto do Ato organizado pelo Fora Bolsonaro*”. Introduziu sua “*Nota sobre o ultraesquerdismo*” (20 de junho), transcrevendo uma citação do livro “*Conversaciones con Nahuel Moreno*”. Passagem que se refere a uma interpretação de Moreno sobre uma suposta formulação de Trotsky de defesa da luta pela democracia diante do nazismo, na Áustria. No corpo de sua crítica ao POR, no entanto, não retoma o conteúdo da transcrição. Tudo indica que a fala de Moreno foi utilizada por Arcary para afirmar que, nas condições atuais do Brasil, a tarefa é a da defesa da democracia. É preciso ainda fazer uma referência ao fato de embrulhar no mesmo pacote o POR e os “*vários grupos na esquerda brasileira que se opõem à campanha pelo Fora Bolsonaro*”. Era dever de Arcary deixar claro que grupos são esses, uma vez que o motivo de seu ataque ao POR se encontra na bandeira da revolução e ditadura proletárias. Não acreditamos existir algum grupo que tenha a mesma posição que o POR, embora possam rechaçar o impeachment e o Fora Bolsonaro. Não vimos nenhuma corrente, que tenha essa posição, sair em defesa da bandeira do POR. A única corrente que vimos denunciar o ataque dos órgãos da burguesia à bandeira do POR foi o PCO, mas essa corrente está pelo Fora Bolsonaro e o impeachment. Posto isso, passamos a responder ao epíteto, ao carimbo, de ultraesquerdismo.

De fato, o POR não faz parte da frente ampla, que, na reunião de 23 de junho, alinhou o PT, PSB, PDT, Rede, PSOL, PSTU, PCdoB, PCB, UP, PCO, Força Sindical, UGT, CSB, CGTB, CSP-Conlutas, CUT, Intersindical e, inclusive, a Frente dos Evangélicos pelo Estado de Direito, em torno ao impeachment e Fora Bolsonaro. São vários os motivos, mas o prin-

principal deles é que o impeachment é um instrumento de golpe institucional, que se consolidou com a derrubada do governo petista de Dilma Rousseff. Eis por que não é possível colocar em seu rosto a máscara democrática. A experiência, tanto do impeachment do governo direitista de Collor, quanto do governo reformista de Dilma, mostrou que o impeachment depende da constituição de uma compacta frente burguesa, para ter maioria parlamentar no Congresso Nacional, e consentimento das Forças Armadas e do Judiciário. Não vemos, portanto, como a atual bandeira de impeachment de Bolsonaro possa ser diferente e oposta a essa experiência. Nem Arcari, nem corrente alguma que está pelo impeachment, podem criar uma versão democrática de um instrumento essencialmente antidemocrático, que cassa o voto de quem elegeu o presidente por meio de um processo parlamentar. É bom recordar a polêmica com o PSTU, que afirmou, peremptoriamente, que o impeachment de Dilma não configurou um golpe de Estado. Agora, essa corrente participa de um movimento pelo impeachment, acreditando que se trata de uma solução democrática, diante de um governo fascista. E aqueles que gritaram contra o uso do impeachment como meio de promover o golpe pretendem criar o milagre da transformação da água em vinho. Valério, em particular, quer que acreditemos nesse milagre. Argumenta que, nas condições da “*situação reacionária*”, segundo sua caracterização, não há outra coisa a ser feita a não ser conduzir o movimento dos explorados a pressionar o parlamento para que livre o País de Bolsonaro. Está convencido de que a entrega do poder a Mourão seria uma solução, ainda que não contemplasse os seus sonhos de um governo realmente democrático. Essa exposição sincera de Arcary não é exposta pelos demais participantes da frente pró-impeachment. Via de regra, se tem ocultado o vínculo condicionante entre a bandeira Fora Bolsonaro e impeachment.

Não há dúvida de que o movimento das massas deve concentrar seu ataque no governo ultradireitista, militarista e fascistizante. Mas, não com a arma institucional, burguesa, do impeachment. Ao se vincular o Fora Bolsonaro a essa via parlamentar, se nega a via revolucionária da derrubada desse governo, que como tal ocorre pela ação direta dos explorados.

Segundo Arcary, como não está posta a revolução, cabe dar passos, ainda que limitados, em defesa da democracia, tendo inclusive de passar o poder do Estado para Mourão, como se esse não fizesse parte das tendências ditatoriais e fascistas da impotente burguesia, diante da crise estrutural do capitalismo. De maneira que o movimento pelo impeachment se contrapõe à defesa da estratégia própria de poder do proletariado. Está aí por que se condenou o POR, por ter levantado a bandeira da revolução e ditadura proletárias. O oportunismo vulgar da crítica salta aos olhos, certamente daqueles que querem ver.

Trata-se de uma deformação, a crítica ao POR de que estaria opondo a ditadura do proletariado à democracia em geral, bem como ao impeachment. Em absoluto, a ditadura do proletariado se opõe à ditadura de classe da burguesia, portanto, é um guia para a destruição do Estado burguês, e constituição do período de transição do capitalismo ao comunismo. As reivindicações democráticas que a burguesia não tem como sustentar, e a pequena burguesia não tem como defender, se opõem ao impeachment, e criam as condições para a luta das massas pela ditadura do proletariado. É fundamental o combate pelas liberdades democráticas. Faz parte do programa da classe operária a defesa do direito de greve irrestrito, livre organização sindical e partidária, direito à autodefesa das massas, eleição de todos os cargos do Estado, revogabilidade do mandato por aqueles que elegeram, constituição de tribunal popular para julgar os crimes da burguesia, reconhecimento partidário sem nenhuma restrição, livre participação nas eleições, acesso equitativo aos meios de comunicação, etc. A via do impeachment se opõe a esse conjunto de liberdades democráticas. Notamos que o movimento pela democracia desconhece os fundamentos da luta pelas liberdades democráticas. Os seus principais dirigentes pisoteiam a democracia operária, burocratizando os sindicatos e anulando as assembleias. Mas, são pródigos em defender a democracia burguesa. O POR não cometeria a vulgaridade antimarxista de opor a ditadura do proletariado simplesmente a um governo burguês.

Arcary continua se auto intitulado marxista, trotskista e internacionalista. No entanto, acaba de negar o fundamento

elementar de que, em todas as circunstâncias da luta de classes, o partido revolucionário tem de desenvolver a estratégia própria de poder, em contraposição à estratégia burguesa. O impeachment é uma via da estratégia burguesa de trocar um governo burguês por outro, por meio do parlamento, mantendo a sujeição da classe operária e demais explorados. Não resolve o dilema democrático de substituir Bolsonaro por Mourão, colando à bandeira do impeachment a hipótese de convocação de novas eleições. O impeachment é usado, precisamente, para se evitar a derrubada do governo burguês pelas massas e, também, para se evitar a continuidade da luta por um governo revolucionário. É falso que a troca de Bolsonaro por Mourão é apenas uma solução limitadamente democrática. Em absoluto, se isso se passasse, seria a forma dos militares salvarem o bolsonarismo, sem Bolsonaro. Esse argumento subjetivo de Arcary é a prova mais clara de que seu ataque ao POR é reacionário, não tem nada a ver com a luta marxista contra o ultraesquerdismo.

Somente um lampejo de idiotice poderia afirmar que o POR levantou a bandeira da revolução e ditadura proletárias, em um raquítico movimento pequeno-burguês pela democracia, por considerar que as condições subjetivas para a revolução estão dadas. E que a classe operária caminha nesse sentido. Não há uma só gota de verdade nessa suposição. O POR levantou as bandeiras pelas quais passarão a luta da classe operária, que se chocará com o governo burguês ultradireitista, e com o conjunto da política burguesa. Não só afirma que a tarefa do momento é de organizar a luta independente em defesa dos empregos, salários, direitos e saúde da maioria oprimida. Não há nenhum delírio ultraesquerdista de que o País está próximo à revolução. O que o POR afirma é que as condições objetivas para a revolução estão dadas. O problema fundamental se encontra na crise de direção revolucionária e, assim, no atraso político e ideológico do proletariado. O ponto de partida da organização de um movimento independente e de frente única está em levantar um plano de reivindicações emergenciais, no quadro da pandemia e do agravamento da crise econômica. Não há dúvida de que, nesse embate, se potenciarão as reivindicações das liberdades democráticas. Os



defensores do impeachment, como se vê, se baseiam em outro ponto de partida. E, por isso mesmo, se negam organizar o movimento de massa sobre a base do programa de reivindicações da classe operária e demais explorados. A explicação dessa renúncia não está distante de nossos olhos. Ocorre que as bandeiras da classe operária não permitem uma unidade com setores da oposição burguesa, e contrariam a política de colaboração de classes da burocracia sindical.

E por que, então, o POR levantou a bandeira da revolução e ditadura proletárias? Por que não se limitou a levantar as reivindicações econômicas dos explorados? Porque era necessário estabelecer um vínculo entre as reivindicações elementares, ditadas pela situação da pandemia e da crise econômica, com a estratégia de poder diante de um governo em decomposição, e que, logo mais, terá de enfrentar um poderoso movimento, caso a burocracia sindical colaboracionista e os reformistas não consigam bloquear as tendências instintivas dos oprimidos. Porque era obrigatório distinguir a posição estratégica dos explorados da estratégia pequeno-burguesa e burguesa do impeachment, cujo invólucro foi e é o da defesa da democracia em abstrato. Em nenhum momento, o POR deixou de participar e organizar os movimentos que ganham as ruas contra o governo fascistizante. O mesmo se passou sob o governo golpista de Temer. O fato do POR não compartilhar com o impeachment e Fora Bolsonaro não o impede de se colocar no campo da mobilização contra o governo. Aqueles que condenam o partido por levantar a bandeira da revolução e ditadura proletárias expressam uma posição antidemocrática. É inacreditável que membros do PSOL tenham pedido ao POR que recolhesse sua bandeira revolucionária.

Não poderíamos deixar de fazer uma consideração conclusiva sobre a citação extraída das “Conversaciones con Nahuel Moreno”. Em uma de suas respostas, Moreno, de passagem, faz a seguinte observação: “*A verdade é que há partidos trotskistas sectários que fazem colocações incríveis. Por exemplo, Guillermo Lora, na Bolívia, não sabe levantar outra consigna que a da ditadura do proletariado*”. O criador da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT) e do PSTU, no Brasil - de onde Arcary liderou uma fração de ruptura à direita, acu-

sando a outra ala morenista de sectária - não se vê na obrigação de comprovar sua leviana acusação ao POR da Bolívia. O fato dos trotskistas bolivianos sistematicamente defenderem a estratégia revolucionária não quer dizer que *“não sabe levantar outra consigna que a da ditadura do proletariado”*. São incontáveis os embates em que o POR encarnou as reivindicações mais elementares dos mineiros, camponeses e da pequena burguesia arruinada. De uma leviandade, Moreno, passa a outra, afirmando que Trotsky defendeu *“lutar todos juntos pela democracia”*, para *“derrotar o fascismo austríaco”*. Esse tipo de pincelada é próprio do método oportunista. Trotsky lançou uma das críticas mais contundentes contra a política sectária do “terceiro período”, em que o estalinismo identificou de forma absoluta a socialdemocracia com o fascismo, sob o falso conceito de socialfascismo. A particularidade da Áustria é que a socialdemocracia estava no poder e se apoiava na classe operária, para cumprir seu papel de governo burguês. E, portanto, naquele momento, o fundamental da situação estava no choque entre a socialdemocracia e o fascismo. O estalinismo abstraía o fundamental da situação para, em nome da luta contra o socialfascismo, criar os soviets e marchar em direção à ditadura do proletariado. Aí residia o esquerdismo estalinista. A tarefa do momento era a de penetrar a política revolucionária no seio das bases operárias, que apoiavam o governo socialdemocrata, impotente diante da crise econômica que destroçava o capitalismo, decompunha a democracia, e impulsionava as forças nazifascistas. Está aí por que Trotsky mostra que *“as palavras de ordem de soviets e de ditadura do proletariado têm, na Áustria, atualmente, um simples alcance de propaganda”*. O que os estalinistas do terceiro período faziam era substituir a necessária propaganda revolucionária pelo poder pela agitação, desconsiderando as condições da luta de classes. Assim, Trotsky explica: *“Não porque a Áustria esteja longe de uma situação revolucionária, mas porque o regime burguês austríaco está munido de um sistema ainda poderoso de válvulas de segurança, do tipo da socialdemocracia”*. Tratava-se, portanto, de *“explicar pacientemente”* a estratégia revolucionária às massas. Identificar como gêmeos a socialdemocracia e o fascismo impedia a van-

guarda revolucionária de penetrar nas bases operárias da socialdemocracia. Como o governo socialdemocrata se colocava pelo “*desarmamento interior*”, abria caminho para a defesa do armamento dos operários. Essa ação concreta era um passo mais urgente e necessário “*do que a dos soviets e ditadura do proletariado*”. O que não significava que a vanguarda revolucionária, no caso a oposição de esquerda, dispensasse a propaganda em torno a essas bandeiras. Como se vê, nas formulações de Trotsky, que constam no documento “A Crise Austríaca e o Comunismo” não há uma só palavra de unidade em torno à democracia, nem contra a defesa da estratégia da ditadura do proletariado na forma da propaganda revolucionária. É bom assinalar que, ao se referir à democracia, Trotsky caracteriza a “*crise austríaca como uma manifestação parcial da crise da democracia, forma fundamental da dominação burguesa*”. Em suas palavras: “*O que se chama crise do parlamentarismo é a expressão política da crise de todo o sistema da sociedade burguesa. A democracia se sustenta e declina com o capitalismo. Defendendo a democracia, a burguesia a tem como solução social para o beco sem saída do fascismo*”. Como se vê, é bem distinto daquilo que afirma Moreno.

Arcary faz um favor ao POR do Brasil, utilizando-se da falsificação de Moreno sobre a Áustria, atacando os trotskistas bolivianos, por fazerem propaganda sistemática da ditadura do proletariado. O morenista psolista, por sua vez, sabe que o POR, no Brasil, foi influenciado, desde sua origem, pelo POR da Bolívia. A história da crise que desintegrou a IV Internacional demonstra que somente o POR não enveredou pela via do centrismo e do oportunismo, justamente porque se constituiu em programa da revolução e ditadura proletárias.

É um erro brutal diminuir a importância do ataque de órgãos da imprensa burguesa e dos bolsonaristas contra a bandeira do POR, taxando de episódio desproporcional e paralelo ao objetivo do ato pelo Fora Bolsonaro. A profunda crise econômica e política explica por que a rede Globo denunciou a bandeira como inconstitucional e incompatível com o ato pela democracia. Arcary desconsidera que esse órgão da imprensa monopolista vem fazendo oposição a Bolsonaro por motivos particulares, e precisa da voz das ruas para dar materialidade

à sua oposição, desde que essas vozes não saiam dos limites da democracia burguesa, ou seja, não saiam das asas do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal. Arcary, assim, ao atacar o POR, se junta a todos aqueles que indicaram o caminho da repressão à bandeira do proletariado.

***Viva a revolução e ditadura proletárias, único caminho possível de combater o governo ultradireitista e derrotar as tendências antidemocráticas da burguesia nacional, submetida aos ditames do capital financeiro e do imperialismo.***

## Algumas considerações de Lênin sobre a ditadura do proletariado

*Massas 613, 5 de julho de 2020*

Em sua obra mais acabada, O Estado e a Revolução, escrita entre agosto e setembro de 1917, Lênin sistematiza a fundamentação marxista sobre a ditadura do proletariado, como condição histórica para a realização da transição do capitalismo para o comunismo. Nota-se que foi uma necessidade no calor da revolução social na Rússia, que triunfaria em 25 de outubro desse mesmo ano. Entre junho e julho de 1920, retomou à questão da estratégia de poder do proletariado, nas Teses para o II Congresso da Internacional Comunista. Em 9 de novembro, publicou no número 14 da revista “A Internacional Comunista”, segundo Editorial Progresso, o folheto “Contribuição à história do problema da ditadura”. As Teses para o II Congresso da III Internacional têm particular importância, uma vez que estão voltadas a orientar a política internacional do proletariado. Entre várias Teses, comparece “*Essência da ditadura do proletariado e o poder soviético*” e “*Em que consiste a preparação imediata e geral para a ditadura do proletariado*”.

As Teses se iniciam com a seguinte diretriz: “*A vitória do socialismo (como primeira etapa do comunismo) sobre o capitalismo exige que o proletariado, como uma única classe verdadeiramente revolucionária, cumpra as três tarefas seguintes. Primeira: destituir os exploradores, e antes de tudo a burguesia,*

*como seu principal representante econômico e político; destituí-los totalmente; esmagar sua resistência; impedir absolutamente todas as suas tentativas de restabelecer o jugo do capital e da escravidão assalariada. Segunda: ganhar e colocar sob a direção do partido comunista - vanguarda revolucionária do proletariado - não somente ao conjunto do proletariado, ou à sua imensa maioria, mas também às massas trabalhadoras e exploradas pelo capital; instruí-los, organizá-los, educá-los e discipliná-los, no curso da firme luta contra os exploradores, extraordinariamente audaz e implacável; arrancar da dependência da burguesia a imensa maioria da população em todos os países capitalistas; infundir-lhe, por meio da atividade prática, confiança no seu papel dirigente do proletariado e de sua vanguarda revolucionária. Terceira: neutralizar ou tornar inócuas as inevitáveis vacilações entre a burguesia e o proletariado, entre a democracia burguesa e o poder soviético, da classe dos pequenos proprietários na agricultura, indústria e comércio, ainda bastante numerosa em quase todos os países avançados, mas que constitui uma minoria da população, e da camada de intelectuais, empregados, etc., que corresponde a tal classe”.*

Essas três tarefas interligadas materializam o caráter programático e de princípio da ditadura do proletariado. É o guia estratégico para a tomada do poder, constituição do poder revolucionário e instrumento de transição do capitalismo ao comunismo.

A ditadura do proletariado determina os meios e os métodos de ação dos explorados contra os exploradores. E expressa o fundamento histórico da derrubada violenta da burguesia, que resistirá, se valendo da guerra civil; expropriação da propriedade privada dos meios de produção, destruição do Estado burguês, e repressão a todo intento da contrarrevolução em derrotar a revolução. Nesse fundamento, se encontra a completa rejeição à posição reformista de submissão pacífica dos capitalistas aos explorados, e da transição pacífica ao socialismo. A experiência da revolução russa demonstra a necessidade de um longo e paciente trabalho de preparação das massas para encarnar a estratégia da ditadura do proletariado; e a constituição da democracia proletária, que

se materializou na forma do poder dos soviets. Ditadura e democracia proletária formam uma unidade.

A etapa histórica de preparação dos explorados para a tomada do poder é decisiva para a abertura e consecução das etapas posteriores. É tarefa da vanguarda revolucionária, encontrar as formas e os meios de elevar a organização e a capacitação do proletariado, na luta pelo poder do Estado. Nesse processo, se deparará com os adversários da estratégia revolucionária. Eis o que dizem as Teses: *“Por isso, a preparação para a ditadura do proletariado, não só exige intensificar a luta contra as tendências reformistas e ‘centristas’, mas também modificar o caráter dessa luta. A luta não pode se limitar a denunciar o caráter errôneo dessas tendências, deve também desmascarar, inflexível e impiedosamente, qualquer ativista do movimento operário que revele essas tendências, pois, de outro modo, o proletariado não pode saber com quem irá à luta decisiva contra a burguesia”. “(...) Toda inconseqüência ou debilidade no desmascaramento daqueles que atuam como reformistas ou ‘centristas’ significa aumentar diretamente o perigo de o poder do proletariado ser esmagado pela burguesia, que amanhã utilizará para a contrarrevolução, o que hoje pessoas míopes consideram somente ‘divergências teóricas’”. “(...) Eis por que, sem uma mudança radical do caráter da luta contra os ‘centristas’ e ‘defensores da democracia’, é impossível o trabalho prévio de preparação das massas, para levar a cabo a ditadura do proletariado”. “(...) Por isso, a preparação para a ditadura do proletariado exige explicar o caráter burguês do reformismo, da defesa da democracia, enquanto se mantenha a propriedade privada dos meios de produção, impõe não só a denúncia de tais tendências, que significam nos fatos a defesa da burguesia no interior do movimento operário; exige, além disso, substituir os velhos dirigentes por comunistas nas organizações proletárias de todo o tipo, não só políticas, mas também sindicais, cooperativas, educacionais, etc.”.*

Nota-se a insistência das Teses em demonstrar a importância da primeira tarefa, que é a da preparação sistemática da luta pela estratégia da ditadura do proletariado. O que exige um vínculo profundo da vanguarda com a classe operária e com as massas em geral. A preparação, nesse longo período

de luta de classes, pressupõe desenvolver as reivindicações mais elementares dos explorados, e transformar os inúmeros choques isolados em combate geral ao Estado burguês, sob a estratégia da revolução proletária. Conclusão: *“A propaganda e a agitação diária deve ter caráter genuinamente comunista. Os órgãos da imprensa do partido devem ser dirigidos por comunistas firmes, que tenham dado provas de sua devoção à causa da revolução proletária. A ditadura do proletariado não deve ser simplesmente uma expressão corriqueira aprendida de memória. É preciso popularizá-la, de tal forma que os fatos práticos tratados, diária e sistematicamente, pela nossa imprensa, permitam que cada operário e operária compreendam, bem como cada soldado ou camponês, aquilo que é indispensável para eles. Nas páginas dos jornais, nas assembleias populares, nos sindicatos operários, nas cooperativas, onde tenham acesso os partidários da III Internacional, devem denunciar, sistemática e persistentemente, não só a burguesia, mas também seus cúmplices, os reformistas de todo o tipo”*.

Está claro nessa orientação, que faz parte da preparação das massas para encarnar a ditadura do proletariado, defender a fundo as reivindicações que impulsionam a luta de classes, e enfrentar firmemente o reformismo e o centrismo.

Sintetizamos, agora, o comentário de Lênin, que se encontra na *“Contribuição à história do problema da ditadura”*. Primeiras palavras: *“A ditadura do proletariado é o problema cardeal do movimento operário contemporâneo, em todos os países capitalistas, sem exceção”*. É importante entender a *“doutrina da ditadura revolucionária em geral e a da ditadura do proletariado em particular”*. O marxismo se empenhou em demonstrar o seu lugar na história. Para Lênin, *“quem não compreendeu a necessidade da ditadura de toda a classe revolucionária, para assegurar sua vitória, não compreendeu nada da história das revoluções, ou não pretende compreender”*. As distintas sociedades de classes se transformaram sempre, dando lugar a uma nova ditadura de classe. De maneira que o marxismo não inventou a ditadura de classe, tão somente a reconheceu como fenômeno necessário às transformações do velho regime social em um novo. Não se pode admitir a revolução e, ao mesmo tempo, não *“reconhecer a ditadura de uma*

*determinada classe (ou de determinadas classes)*". Esse erro fatal cometeram os mencheviques no passado, e cometem os reformistas mascarados de revolucionários. Toda a revolução exige *"uma definição classista exata"*. Essa tarefa traz consigo o conceito de ditadura de classe. Somente assim se pode ser exato. Os acontecimentos da revolução russa mostraram que os adversários de esquerda do bolchevismo chegaram a *"reconhecer em palavra a ditadura, mas foram incapazes de prepará-la de fato"*.

Há uma variedade de deformações em torno a essa questão. Lênin mostra que uma delas, muito importante, é opor *"o conceito de ditadura e o de democracia como excludentes"*. Eis: *"Não compreendendo a teoria da luta de classes, acostumado a ver na arena política unicamente os pequenos enredos dos diversos círculos e reuniões da burguesia, o burguês entende, por ditadura, a anulação de todas as liberdades e garantias democráticas, entende, por ditadura, toda arbitrariedade, e todo abuso de poder no interesse pessoal do ditador"*. Essa vulgaridade obscurece a ditadura de uma classe com a forma do regime político. Distintamente, o fundamental está em que *"há ditadura da minoria sobre a maioria, de um punhado de policiais sobre o povo, e ditadura da gigantesca maioria do povo sobre um punhado de opressores, saqueadores e usurpadores do poder popular"*.

A teoria marxista da revolução e ditadura proletárias parte do reconhecimento de que, no capitalismo, a classe operária é a *"única classe revolucionária até o final e, por isso, o des-tacamento da revolução"*. Os reformistas e centristas negam essa premissa de classe. Lênin recorre à seguinte definição geral: *"O conceito científico de ditadura não significa outra coisa, senão um poder não limitado por nada, não restringido por nenhuma lei, absolutamente por nenhuma regra, e que se apoia de maneira direta na violência. O conceito de 'ditadura' não significa outra coisa senão isso, recordem bem, senhores democratas constitucionalistas"*. A ditadura do proletariado é a do *"povo revolucionário"* em relação à burguesia contrar-revolucionária. Nesse sentido, não pode haver nenhuma limitação, a não ser a própria correlação de força em choque. Assim, *"a ditadura não é exercida por todo o povo, mas somen-*



*te pelo povo revolucionário, o qual, no entanto, não teme em absoluto a todo o povo, revela a todo o povo o motivo de seus atos e todos os seus detalhes, desenvolve o interesse a todo o povo de participar, tanto na administração do Estado, como no poder e na organização do próprio Estado”.*

Essas últimas considerações expõem o vínculo entre a ditadura de classe do proletariado e o desenvolvimento da consciência de classe e da compreensão do socialismo por todo o povo. Lênin foi obrigado a desmontar as fórmulas vulgares sobre a ditadura de classe em geral, que atravessa todas as sociedades de classes, e a ditadura do proletariado, que será a última forma transitória de dominação da maioria sobre a minoria para avançar no caminho do comunismo. Para os marxistas, a revolução e ditadura proletárias continuam a ser o problema cardeal do movimento operário, em todos os países.



[www.pormassas.org](http://www.pormassas.org) / facebook - massas.por

